



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**ALINE FERNANDA SOUTO COSTA SILVA**

**NAS MEMÓRIAS DE PROFESSORAS: REDES DE SABERES QUE  
REPRESENTAM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM CUBATI**

**CAMPINA GRANDE – PB**  
**2012**

**ALINE FERNANDA SOUTO COSTA SILVA**

**NAS MEMÓRIAS DE PROFESSORAS: REDES DE SABERES QUE  
REPRESENTAM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM CUBATI**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção da graduação.

Orientadora: **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Cristina Aragão de Araújo**

CAMPINA GRANDE – PB  
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586n Silva, Aline Fernanda Souto Costa.  
Nas memórias de professoras [manuscrito]: redes de saberes que representam a história da educação em Cubati /. – 2012.

**71f. : il.**

Digitado.

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.**

“Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Patrícia Cristina Aragão de Araújo, Departamento de História”.

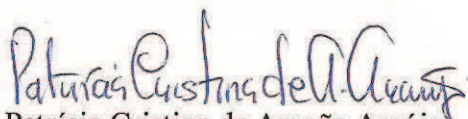
1. História - Educação. 2. Professoras - Histórias de vida. 3. Cubati/PB. I. Título.

21. ed. CDD 370.9

ALINE FERNANDA SOUTO COSTA SILVA

NAS MEMÓRIAS DE PROFESSORAS :REDES DE SABERES QUE REPRESENTAM A  
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM CUBATI

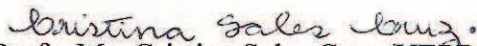
APROVAÇÃO B / 12 /2012



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo  
Orientadora/UEPB



Profa. Ms. Teresa Cristina Vasconcelos  
Examinadora /UEPB



Profa. Ms. Cristina Sales Cruz /UEPB  
Examinadora/UEPB

Dedico este trabalho às professoras de Cubati que fizeram parte dessa pesquisa e desse estudo. As narrativas de suas histórias de vida, seu cotidiano escolar, a luta por uma educação de qualidade, mesmo em épocas tão adversas, fizeram com que essas mulheres, através de seus trabalhos e suas lutas cotidianas, marcassem nos anais da História Cubatiense um trecho significativo na memória educacional e na História da Educação da cidade. Para vocês: Adeilda Maria de Lima Silva, Ivoneide Ângelo Lucindo, Maria Patrocínio Medeiros de França, Rita Costa Fernandes e Rita Maria dos Santos, meus mais singelos agradecimentos, uma vez que suas memórias constituem fator primordial em ressignificar e marcar a trajetória da cidade de Cubati pela perspectiva educacional.

## AGRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho não teria sido possível sem a cooperação e a boa vontade daqueles a que agora me refiro. A todos os meus sinceros agradecimentos.

Ao meu Deus, por ter me dado a graça da vida e a competência para realizar este estudo.

À minha amada mãe, Francisca Souto Costa, pelas renúncias que fez, pela luta que teve em me proporcionar educação e formação durante toda minha vida, e pelo apoio e incentivo dado durante a realização desse trabalho.

À adorada orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Patrícia Aragão de Araújo, pela sua expressiva competência, disposição e auxílio em todas as etapas dessa pesquisa.

Às queridas professoras depoentes, consideradas sujeitos fundamentais para a realização desse estudo, uma vez que suas memórias e histórias de vida foram fundamentais no enriquecimento dessa pesquisa.

Aos membros da banca examinadora formada por Prof.<sup>a</sup> M.Sc. Cristina Sales Cruz e Prof.<sup>a</sup> M.Sc. Teresa Cristina Vasconcelos, por participarem como interlocutoras desse trabalho, pelas suas observações através de leituras minuciosas, o que possibilitou um enriquecimento do trabalho e novos olhares acerca do contexto da História da Educação, através das memórias e histórias de professoras.

Às minhas amigas do Curso de Pedagogia, pelo constante estímulo transmitido durante a realização do trabalho, mormente a Cláudia Maria Ouriques.

E a todos que colaboraram indiretamente com a execução e conclusão deste estudo.

[...] estou revivendo uma coisa que eu fiz, que eu gostei. Eu estou colhendo o fruto daquilo que plantei, sei que não fiquei no mapa do esquecimento, sei que de qualquer maneira eu fui lembrada, [...] e agradeço, muito, primeiro, a Deus [...] e a você por ter lembrado de mim (Adeilda Maria de Lima Silva, 2011).

## RESUMO

A realização deste trabalho evidencia memórias de mulheres, numa perspectiva do campo educacional, trazendo suas histórias de vida para apreender como eram suas práticas educativas no cotidiano de suas vivências. O objetivo do nosso trabalho é problematizar sobre a história de vida e memórias de professoras de Cubati, ressaltando a partir de suas histórias, a História da Educação no município. Nossa proposta é identificar os elementos constituintes da história do município, bem como, compreender como era a vida na escola e os desafios da docência a partir de suas narrativas. Como abordagem metodológica, utilizamos a História Oral que teve como especificidade investigar a vida profissional de professoras que atuaram na educação do município. A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Cubati, com professoras do fundamental I, com o uso de entrevista que teve a finalidade de captar, através das narrativas de histórias de vida das professoras, como na trajetória da educação cubatiense elas fizeram parte de seu contexto. Como referencial teórico que utilizamos na realização desse estudo, estão os trabalhos de Castanho (2010), Veiga e Fonseca (2008), Gonçalves (2006), Louro (1997 e 2010), Scott (1995), Duran (2007), Pollak (1992), Cardoso (2011), Souto (S/d), dentre outros. Esperamos com este estudo, desenvolver reflexões significativas, voltadas à esfera educacional e de gênero, uma vez que é de expressiva relevância para a História da Educação e da mulher brasileira, investigar sobre vida de professoras que exerceram a docência, compondo mais de meio século a História da Educação, através de suas ações educativas, direcionadas à formação de sujeitos sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memórias. Vida de Professoras. História da Educação. Cubati.



## ABSTRACT

The realization of this work shows about women's memories in an educational perspective field, bringing their life stories as they were to seize their educational practices in their daily livings. Our work's goal is to discuss about the life history and memories of teachers from Cubati highlighting from their stories the county's educational history, our proposal is to identify the components of the county's history, as well as to understand how were school life and teaching challenges from their narratives. As a methodological approach, we use the oral history that has as specificity to investigate the life of teachers who worked in the city's education. The research was conducted in the city of Cubati, with teachers from Basic I, using interviews that aimed to capture, through the narratives of teachers' life stories as the trajectory of Cubati's education, they were part of its context. As theoretical frameworks used to conduct this study, we can talk about the works of Castanho(2010), Fonseca and Veiga (2008), Gonçalves (2006), Louro(1997 and 2010), Scott (1995), Duran (2007), Pollak (1992 ), Cardoso (2011), Souto (S / d) among others. With this study, it's hoped to develop meaningful reflections about educational sphere and gender, since it is of significant importance for history of education and the Brazilian woman, to investigate life of teachers who held posts teaching in the county of Cubati, composing more than half a century the history of the education in the city, through its educational programs, directed to social subjects formation.

**KEYWORDS:** Memories. Teachers' Life. History of Education. Cubati

## LISTA DE IMAGENS

<b>FOTO 1</b> – Foto da Capela de Manoel M. de Barros. Fonte: Acervo pessoal de Valquíria Lopes.....	28
<b>FOTO 2</b> – Avenida central de Cubati, entre as décadas de 40 e 50 com a Igreja São Severino Bispo. Fonte: Acervo pessoal de Valquíria Lopes.....	29
<b>FOTO 3</b> – Mapa de Cubati. Fonte: Google Maps.....	30
<b>FOTO 4</b> – Turma da 1ª escola em Cubati. Fonte: Acervo pessoal de Valquíria Lopes.....	30
<b>FOTO 5</b> – Desfile de 7 de setembro de 1961. Fonte: Acervo pessoal de Silvano Fidélis.....	31
<b>FOTO 6</b> – Escola M. José de Medeiros Dantas, recém construída, em 1970. Fonte: Acervo pessoal de José de Medeiros Dantas.....	32
<b>FOTO 7</b> – Construção da Praça Josebel Gomes, em 1972. Fonte: Acervo pessoal de Silvano Fidélis.....	33
<b>FOTO 8</b> – Escola Municipal Padre Simão Fileto, recém concluída. Fonte: Acervo pessoal de José de Medeiros Dantas.....	33
<b>FOTO 9</b> – Inauguração da E.M.E.F. Francisco Clementino Souto, em 1980. Fonte: Acervo pessoal de Silvano Fidélis.....	34
<b>FOTO 10</b> – Realização do Super Cross no ano de 2011. Fonte: Acervo pessoal de Aline Fernanda Souto.....	35
<b>FOTO 11</b> – A antiga lavanderia pública, em 1972. E a escola Gente Inocente, em 2011. Fonte: Acervo pessoal de José de Medeiros Dantas.....	36
<b>FOTO 12</b> – Manhã de sol, no Clube do Cruzeiro, em 1995. Fonte: Acervo pessoal de Ayla Cordeiro Gondim.....	37
<b>FOTO 13</b> – Barraca Arraia da Filó, organizada por professoras da rede municipal de ensino, em 1999. Fonte: Acervo pessoal de Rosicléide Cassimiro de Lima.....	37
<b>FOTO 14</b> – Professora Alice Alcântara de Sousa, umas das primeiras professoras da localidade que atuou até a década de 50. Fonte: Acervo pessoal de Valquíria Lopes.....	40
<b>FOTO 15</b> – Desfile do dia 7 de setembro na avenida central da cidade em frente a antiga prefeitura, entre as décadas de 60 e 70. Fonte: Acervo pessoal de Maria.....	41
<b>FOTO 16</b> – E. M. E. F. José de Medeiros Dantas, em 2011, depois de reformada, situada na comunidade Abreu. Fonte: Acervo pessoal de Aline Fernanda.....	44

<b>FOTO 17</b> – Turma concluinte do Mobral de 1973. Fonte: Acervo pessoal de Maria Patrocínio.....	46
<b>FOTO 18</b> – Comemoração do dia das mães na Escola Maria Claudino. Fonte: Acervo pessoal de Ivoneide Ângelo Lucindo.....	55

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	13
1	<b>MEMÓRIAS DE PROFESSORAS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....</b>	16
1.1	<b>História da Educação e Memória.....</b>	16
1.2	<b>Gênero e Educação: Transformações.....</b>	20
2	<b>TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO EM CUBATI.....</b>	27
2.1	<b>Narrativas Cotidianas sobre Cubati: seu espaço de lazer, cultura e os lugares de educar.....</b>	27
2.2	<b>Memórias Educativas de Cubati.....</b>	38
2.3	<b>Histórias de Professoras e suas Memórias Escolares.....</b>	50
3	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	59
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	61

## INTRODUÇÃO

Este trabalho evidencia as memórias de mulheres numa perspectiva do campo educacional, trazendo suas histórias de vida para apreender como eram suas práticas educativas no cotidiano de suas vivências. Para tanto, o estudo mostra a história de vida de professoras e como suas memórias são relevantes para que, em um dado contexto histórico, possamos entender a História da Educação do município de Cubati-PB, dentro do período proposto para estudo, 1997 a 2004. Optamos por este recorte temporal, tendo em vista que a professora mais antiga, em vida, escolhida para realização dessa pesquisa, iniciou na educação do município de Cubati em 1957, e aposentou-se em 2004.

O motivo pelo qual escolhemos essa temática veio do nosso anseio em apreciar história de vida de professoras com a finalidade de recontar a História da Educação do município de Cubati e dentro das particularidades locais, este estudo contribuirá na ampliação e compreensão dos processos educacionais do município, estabelecendo relações com a história local e nacional, à medida que é conferida visibilidade à história de vida de professoras.

Nesse sentido, os principais objetivos que nortearam essa pesquisa foram: problematizar sobre a história de vida e memórias de professoras de Cubati, ressaltando, a partir de suas histórias, a História da Educação no município, identificando os elementos constituintes da história do município, bem como, compreender como era a vida na escola, e os desafios da docência nesse período referido acima.

As contribuições desse estudo para a cidade de Cubati se evidenciam no campo da História da Educação, a partir da história de vida e memórias docentes do ensino fundamental I. Nossa proposta foi, partindo dessas memórias, elaborar reflexões sobre a trajetória da educação em Cubati na perspectiva do ensino fundamental.

Discutir a História da Educação de Cubati, valendo-se das memórias de educadoras, permite um acompanhamento expressivo acerca das questões de gênero, presentes no desenvolvimento dos estudos relacionados à educação e à esfera pedagógica, principalmente porque, também, envolve a linha de pesquisa Diversidade, Gênero e Inclusão Social do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba.

Considerando a importância da pesquisa para a educação, as principais questões orientadoras foram: Como era a vida das professoras no município de Cubati, durante o período em que atuaram como docente? E de que maneira as memórias das professoras podem ser elementos constituintes da História da Educação do município?

Para os estudos necessários à análise, foram utilizados como aporte teórico: Castanho (2010), Veiga e Fonseca (2008), a partir dos estudos que desenvolveram sobre a História da Educação; Gonçalves (2006), Louro (1997 e 2010), Scott (1995), que enfatizaram as questões de gênero; Duran (2007), que aborda sobre a invenção do cotidiano de Michel de Certeau; Pollak (1992) que discute sobre a Memória coletiva; Cardoso (2011), que ressalta as noções de representações culturais; Souto (S/d) que apresenta a História de Cubati, dentre outros autores.

Quanto à metodologia adotada, utilizamos a História Oral, que teve como especificidade investigar a vida profissional de professoras que atuaram na educação rural e urbana do município. A História Oral como nova possibilidade metodológica de pesquisa, proveniente da Nova História Cultural, tem como base a memória, possibilitando narrar o passado a partir do olhar do presente, incorporando experiências do cotidiano de quem narra, pois a forma como a expressão verbal está sendo relatada tem a ver com as influências do meio social em que o sujeito está inserido. Nesse sentido, as memórias são experiências, fontes, matéria prima da História e têm como tarefa reconstruir o passado, criar e recriar o já vivido, funcionando como objeto de estudo para a historiografia. Com a introdução da História Oral na produção historiográfica incidiu uma mudança de enfoque na História, gerando novas aberturas no que se refere a importantes áreas de investigação, a exemplo do campo da educação com pesquisas desenvolvidas nessa área com história de vida de professoras, ampliando e enriquecendo o campo de produção da História da Educação a partir da memória e história de vida de docentes. Sendo assim, nesta pesquisa, a História Oral, como método apoiado na memória, servirá como procedimento que permite a constituição das fontes, tendo como instrumento entrevistas com professoras.

Deste modo trabalhamos com a História Oral em interface com a pesquisa fotográfica. Os sujeitos da pesquisa foram professoras atuando e aposentadas da cidade de Cubati com idade igual e/ou superior a 50 anos. Utilizamos, também, fotografias para que pudéssemos compreender articuladas as memórias das professoras a memória fotográfica da educação em Cubati a partir de fragmentos fotográficos que nos foram disponibilizados pelas professoras entrevistadas.

A princípio, foram realizadas leituras e/ou estudos acerca da temática abordada. Em seguida, foi feito o primeiro contato com as prováveis depoentes com a finalidade de explicar a natureza do trabalho, visando a obter suas contribuições e seus consentimentos, sendo estes representados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO) assinado pelas professoras, e por fim, combinar a data e o horário do próximo encontro. Na sequência, foi

elaborado um roteiro semiestruturado para seguimento das entrevistas, as quais foram realizadas com cinco professoras em suas residências, em oportunidades diferentes, com o uso de um gravador de voz.

Posteriormente, as entrevistas foram transcritas para a realização das leituras e análises de acordo com os objetivos da pesquisa e os referenciais teóricos relativos à temática. Consideramos importante o uso dos acervos pessoais das depoentes como fotografias, bem como o uso de arquivos de jornais referentes à história e o cotidiano da cidade.

A estrutura desse trabalho corresponde a uma introdução e a dois capítulos: o primeiro, intitulado Memórias de Professoras na História da Educação, evidencia uma compreensão acerca do papel da memória de professoras na reconstrução da História da Educação em um dado contexto espaço-temporal, bem como discute questões de gênero na perspectiva do feminino, abordando os estudos da mulher, suas relações com a educação e, de forma contextualiza, discute como e quando a historiografia passou a desenvolver estudos sobre as mulheres.

O segundo capítulo, cujo título é Trajetória da Educação em Cubati, mostra a trajetória da educação em Cubati, refletindo sobre a história das escolas articulada à história das professoras depoentes, mostrando como era a educação na cidade dentro do período proposto a que estamos nos referenciando para discutir nosso tema. Além disso, é feita uma breve alusão ao contexto histórico da cidade com intuito de compreendermos como era Cubati naquela fase e qual a importância dessa história para nossa análise. As narrativas cotidianas sobre Cubati trazem consigo uma abrangência sobre o espaço de lazer, a cultura e os lugares que envolvem a educação. Com isso, tais narrativas cotidianas sobre a cidade possibilitam abarcar as suas memórias como um fator educativo.

## 1. MEMÓRIAS DE PROFESSORAS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

### 1.1. História da educação e Memória

Este item terá como finalidade evidenciar e discutir a história de vida de professoras e suas memórias no contexto da História da Educação, mostrando como as memórias são enriquecedoras para se compreender, num dado contexto espaço-temporal, a educação brasileira.

Entende-se, aqui, que através das narrativas gerais das professoras é possível apreender aspectos do cotidiano temporal do campo, bem como da cidade, a partir das vivências experienciais que elas tiveram durante sua atuação docente. Lembrando que tais experiências, embora singulares, são também plurais, porque consistem em algo vivido na história do coletivo, sofrendo influências deste e influenciando-o.

Nessa perspectiva, falar sobre as memórias de professoras, sobre suas histórias de vida, ressignificando suas práticas educativas no contexto da História da Educação, torna-se importante não só para pesquisa em História da Educação como também fonte para essa mesma história, pois a memória quando relatada possibilita a reconstrução do contexto social, histórico e cultural, de forma a ordenar o passado e questioná-lo reflexivamente.

Além disso, as narrativas das professoras dão possibilidades de compreender a (re)construção da identidade profissional, como era seu cotidiano, suas dificuldades, seus dilemas, como se tornaram professoras, e como assumiram essa identidade através da docência.

Deste modo, para dialogar com a história de vida de professora, no contexto da História da Educação, se torna necessário refletir sobre como a História da Educação ampliou os estudos relativos às memórias de professoras, visto que a História da Educação alargou seus estudos e pesquisa e, dentro desse alargamento, foram incluídos novos campos de estudos e reflexões que trouxeram para si novos sujeitos sociais e suas experiências cotidianas, passando a ter uma grande variedade de temas, abordagens e objeto de estudo.

Em virtude disso, a História da Educação utilizou aportes da História Cultural a partir da escola dos *Annales*<sup>1</sup> para desenvolver o campo de estudo e pesquisa ampliando o leque de discussões acerca das experiências e memórias docentes. Neste sentido, se torna importante mostrar a contribuição da escola dos *Annales* para os estudos no campo da História da

---

<sup>1</sup> Movimento historiográfico que surgiu no início do século XIX, na França, que mudou os rumos da Historiografia tradicional às novas fontes de pesquisa.



Educação e, a partir daí, entender porque novas fontes entraram em cena, entre elas a oralidade, partindo do estudo da memória.

Veiga e Fonseca (2008, p. 57) discute sobre a História da Educação a partir da reflexão sobre o lugar desta na historiografia, bem como suas relações com a História Cultural, definida “pela interseção entre dois campos historiográficos ou pela influência dos pressupostos de uma na prática investigativa e na problematização dos objetos da outra.” Afirmar ainda o autor, ao abordar a historiografia contemporânea, que esta tendência, atualmente, é de extensa contenção e reconhecimento, devido à influência do movimento dos *Annales*, o qual propôs a investigação de uma história total, afastando-se da política e da episódica, direcionando o estudo da história a temas de sexualidade, religiosidade, vida cotidiana, entre os quais a história de vida de docentes.

Com isso, o perfil da pesquisa em História da Educação, no Brasil, sofreu modificações em decorrência da influência do movimento dos *Annales* que, também, direcionou a mudança da historiografia geral a outros rumos. Nesta concepção, temas como práticas docentes, processos de escolarização, prática educativa, ideias pedagógicas e memórias, atualmente, preponderam na recente produção em História da Educação no Brasil, como um novo campo de possibilidades interpretativas para a pesquisa educacional (VEIGA e FONSECA, 2008, p. 56-61).

Castanho (2010, p.90) também retrata a mudança no perfil da pesquisa historiográfica da educação ao afirmar que a história da educação antes de pesquisar temas alusivos às práticas predominantemente escolares e suas transformações no tempo e no espaço, buscava, *a priori*, exclusivamente, evidenciar a normatividade do âmbito escolar, isto é, o conjunto de normas, legais ou administrativas, que condicionavam à escola.

Em se tratando de temas remissivos às práticas escolares, a História Oral de vida de professoras consiste, no campo da História da Educação, em um novo objeto de pesquisa oriundo da Nova História Cultural que revela uma série de processos, antes ignorados, consentindo aos historiadores o acesso a diferentes testemunhos tornando possíveis novas interpretações do passado.

Este novo objeto de pesquisa torna a história mais rica, viva e comovente. Além disso, é caracterizada por ser mais subjetiva e por utilizar a narrativa da experiência de vida da própria pessoa (MARTINS e SANTOS, 2011, p. 213). Essa subjetividade contida nas narrativas permite ao historiador realizar interpretações referentes ao passado do/a informante, de forma a conhecer, em um dado período, traços culturais do seu grupo de inserção como valores e comportamentos.

Efetivamente, a memória em si trata do resultado de experiências individuais acompanhadas e marcadas fortemente pelo meio social onde foi vivenciada. A saber, a memória é seletiva, pois esta é uma montagem da sociedade que a produziu sendo que nem tudo fica registrado, e quando essa memória é narrada de forma induzida e estimulada ela busca refletir sobre as suas percepções, representações e sentimento para transmitir mensagens, partindo do que se considera certo, neutro e letrado. Conseqüentemente, a memória representa não só o ato de registrar, conservar, recuperar, como também, é sempre uma nova criação (SOUZA e CRIPPA, 2010, p. 75-77) simbólica a qual lida de maneira ativa, dinâmica e criativa com as lembranças.

De acordo com o sociólogo francês Maurice Halbwachs (apud POLLAK, 1992, p. 02), a memória não deve ser entendida como fenômeno individual, mesmo sendo algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Para Halbwachs (apud SOUZA e CRIPPA, 2010, p. 81) a memória se compõe na convivência com um determinado grupo, ao qual pertencemos espacial e temporalmente.

Entendida assim, toda memória é coletiva, uma vez que “o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito” (SCHMIDT e MAHFOUD, 1993, p. 288) posto que o sujeito, ao realizar o exercício de memorização, inevitavelmente, recorrerá às lembranças de outros para reviver mentalmente fatos já vivenciados (BARROS, 2009, p.44).

Quanto à memória individual, esta “pode ser entendida, então, como um ponto de convergência de diferentes influências sociais e como uma forma particular de articulação das mesmas” (HALBWACHS apud SCHMIDT E MAHFOUD, 1993, p. 291). Por outras palavras, a memória sendo individual sempre envolve importantes dimensões coletivas, isto afirma o pensamento acima de que toda memória é coletiva.

Todavia, existem controvérsias, pois se toda memória fosse coletiva seria necessário apenas uma testemunha para uma cultura inteira, afirma Portelli (apud SOUZA E CRIPPA, 2010, p. 77). Logo, a memória tem caráter individual quando representada por um indivíduo de acordo com seus sentimentos, emoções e experiências pessoais próprias e exclusivas de cada sujeito, permitindo que este exponha sua percepção e representação do seu grupo de inserção.

Se a memória é a presença do passado vivenciado por seus personagens, cada pessoa a concebe de um modo, assim como a representa de maneira diferente das demais pessoas que compõem um mesmo grupo. E sendo a lembrança algo seletivo nem todos lembram dos

mesmos acontecimentos da mesma forma. Portanto, para Souza e Crippa (2010, p. 78), o que existem são memórias singulares, interrelacionadas e compartilhadas que se mantêm em constante conflito.

Por outro lado, ao admitir que na memória individual sejam os indivíduos encarregados de lembrar mesmo considerando suas emoções e sentimento, mesmo assim são os grupos sociais que determinam o que e como será lembrado. Além do mais, o comportamento narrativo da memória individual envolve a linguagem formulada por ideias, e tanto a linguagem como as ideias são produtos da sociedade.

Ao referir-se à memória como fonte histórica, é válido ressaltar que a lembrança é fonte desta memória e “fruto de um processo coletivo, e está sempre inserida num contexto social preciso.” (SCHMIDT e MAHFOUD, 1993, p. 288).

Para Schmidt e Mahfoud (1993, p. 289) a lembrança é reconhecimento e reconstrução.

É reconhecimento, na medida em que porta o ‘sentimento do já visto’. É reconstrução, principalmente em dois sentidos: por um lado, porque não é uma repetição linear de acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais; por outro, porque é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos e vivências evocáveis e localizada num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais.

Quer isto dizer que a lembrança, para existir, depende de uma referência para localizar-se no quadro espaço/temporal, possibilitando sua constituição através de experiências compartilhadas entre as relações sociais. Logo, a memória consiste neste trabalho de reconhecimento e reconstrução, elaboração e transmissão dessas vivências. Trabalho este, entendido como um processo de diálogo entre diferentes pontos de vista atuais e passados presentes na concepção do sujeito.

Ao realizar este trabalho da memória, com história de vida de professoras, trazemos à tona aspectos fundamentais de suas experiências de vida, pois, além de narrar suas vivências, nos apropriamos de partes importantes de sua vida, percebendo-as como seres atuantes da história.

Assim, ressignificar a história de vida de educadoras, além de reconstituir sua cultura, seu tempo, sua história, constitui, também, uma forma de valorizar as docentes como sujeitos da história do cotidiano escolar. O objeto de estudo aqui apresentado consiste nas histórias de vida das docentes da cidade de Cubati, evidenciadas no campo e na cidade. Buscar na história de vida dessas educadoras, percorrendo um processo retrospectivo de uma trajetória através da narrativa e suas memórias, é realizar um exercício de memorização e reconstituição de

significados dos fatos e experiências, consideradas as mais importantes de suas vidas para conduzir a interpretação de um fenômeno social como a história da educação no referido município entre os anos de 1957 e 2004.

Neste sentido, ao discutirmos sobre a história de vida de professoras, se torna fundamental discutirmos a questão de gênero na perspectiva dos estudos sobre mulheres e suas relações com a educação vislumbrada no campo e na cidade em Cubati.

## 1.2. Gênero e Educação: Transformações

Falar em memória de professoras incide sobre discutir as questões de gênero na perspectiva do feminino. Neste componente, abordaremos os estudos da mulher e suas relações com a educação, bem como será contextualizado como e quando a historiografia passou a desenvolver estudos sobre as mulheres, ratificando a importância deste estudo na história da educação, trazendo como discussão às práticas docentes, a formação de professoras e suas memórias.

Estudar sobre a história das mulheres docentes, e nelas a história das mulheres de Cubati, se torna importante porque traz à tona os dilemas, as perspectivas de vida, o percurso de suas formações como professoras, o cotidiano escolar, suas relações com os alunos/as e como isso possibilitou compreender, através do objeto de estudo desta pesquisa, a própria História da Educação nesse município.

A história de vida das mulheres docentes consiste em um material rico para a História da Educação. Neste sentido, torna-se importante a discussão, no campo da educação, sobre o estudo do feminino, especificamente o estudo sobre mulheres que atuaram na prática docente, para tratar de suas memórias, histórias de vida, que anteriormente não era tido como objeto de estudo na pesquisa em educação, mas que hoje são vistas como objetos importantíssimos na pesquisa da História da Educação.

Durante muito tempo, na sociedade brasileira, a mulher esteve designada exclusivamente ao lar, filhos e marido. Sua educação, passada de geração em geração, se restringia no lar para o lar, com objetivo de tornar a mulher uma boa dona de casa, mãe e esposa cuidadosa, zelosa e exemplar, sempre submissa e à disposição do marido. As prendas domésticas eram suficientes na educação feminina limitando-as intelectualmente por serem analfabetas (ARAGÃO e KREUTZ, 2010, p. 108).

Durante a colonização, o Brasil herdou essa representação feminina dos europeus e por volta de quase três séculos a preocupação por uma educação formal feminina não foi

manifestada. No entanto, no século XIX, com a vinda da Corte portuguesa para a colônia brasileira ocorreram significativas mudanças econômicas, políticas e culturais, dentre elas a possibilidade de uma educação formal para as mulheres. Com isso, além das prendas domésticas, as mulheres adquiriram o acesso à “escola de primeiras letras”, onde se ensinava a leitura, escrita, às quatro operações matemáticas, a moral cristã e a doutrina católica.

Ainda, em meados do século XIX, por determinação dos legisladores, as mulheres que fossem honestas, sensatas, providas de conhecimentos e que se mostrassem dignas de ensinar, poderiam ser nomeadas como mestres nos estabelecimentos de ensino para as mulheres. Porém, embora a lei tendo determinado salários iguais, isso não ocorria, visto que, no currículo masculino eram acrescentadas noções de geometria, o que somava como remuneração maior apenas para os professores (LOURO, 2010, p. 444).

Diante disso, era notável a diferença de educação entre os dois sexos, além do mais, outros fatores como as divisões de classe, etnia e raça ditavam o tipo de educação que a jovem mulher teria. Por exemplo, a educação da mulher de origem africana se dava na violência do trabalho e na luta por sobrevivência. Para as mulheres descendentes de indígenas a educação limitava-se às práticas de seus próprios grupos de origem já que sua presença era proibida no âmbito da escola pública. (LOURO, 2010, p. 445). Não esquecendo as mulheres descendentes de outros países, cuja proposta de educação vinculava-se as suas regiões de origem.

Com relação às divisões de classe, a educação escolarizada das jovens mulheres das camadas populares não tinha prioridade sobre as tarefas domésticas, o trabalho no campo, o cuidado com os irmãos menores, a que as meninas eram submetidas desde cedo, correspondendo à sua rotina cotidiana.

Todavia, para as filhas de grupos sociais privilegiados a escolarização que era composta por disciplinas de leitura, escrita e noções básicas de matemática era complementada com o ensino do francês, do piano e de algumas habilidades que proporcionaria à mulher se tornar uma boa companhia para seu esposo, capaz de representá-lo bem diante da sociedade (LOURO, 2010, p. 445-446).

Neste sentido, verificamos que até o final do século XIX, a mulher ainda era vista em primeiro lugar como a mãe íntegra, e a base de sustentação do lar. Embora tenha dominado o magistério o qual havia sido iniciado por homens, mas que pouco a pouco com o abandono das salas de aula pelos mesmos, as escolas normais de formação de docentes foram recebendo e formando mais mulheres que homens o que ocasionou uma feminização do magistério (LOURO, 2010, p. 448-449).

Um dos motivos deste processo se justificava com o argumento de que as mulheres são educadoras naturais e provêm de mais amor, cuidados e paciência, relacionando o magistério a uma extensão da maternidade, atribuindo aos/às alunos/as o posto de “filhos/as espirituais”. Lembrando que esse processo não se deu sem resistência e críticas, uma vez que, para muitos, a ideia das mulheres como maioria no magistério era tida como “insensatez”, pois para essas pessoas as mulheres eram despreparadas e limitadas intelectualmente (LOURO, 2010, p. 449-450).

O magistério ganhou características femininas como “paciência, minuciosidade, afetividade, doação” (LOURO, 2010, p. 450) entre outras. E as mulheres expandiram seu universo antes limitado ao lar e à igreja. Ser professora significava a saída remunerada para aquelas mulheres que almejavam se dedicar a outras funções, sem precisar abdicar do lar, filhos e marido, posto que para exercer a função de docente era necessário apenas um período do dia, sendo o outro dedicado a sua vida pessoal.

Esse movimento de feminização do magistério significou uma abertura às mulheres não só para o mercado de trabalho, como também para política, artes e ciências. Contudo, as relações sociais hierarquizadas de gênero, construídas historicamente persistiram. Aspecto este que também repercutiu na historiografia geral, tendo em vista que a história das mulheres surgiu como campo definível apenas nas últimas décadas do século XX, em virtude da conquista de pesquisadores/as e militantes de movimentos feministas.

Neste sentido, buscaremos agora relacionar algumas formulações que contribuíram para a constituição e afirmação do campo da história das mulheres no contexto da história oficial.

Segundo Gonçalves (2006, p. 53-55), só a partir do século XX, com o alargamento progressivo do campo histórico às práticas cotidianas, ocasionados pela corrente historiográfica dos *Annales*, especificamente nos anos 1930, a história feminina mesmo não tendo, a princípio, grande destaque nos trabalhos historiográficos dos precursores dos *Annales*, foram estes os pioneiros em instaurar a possibilidade de as mulheres serem incorporadas à historiografia como sujeito histórico.

Já nos anos de 1970, o estudo sobre o feminino ganhou forças com a pesquisa acerca do mundo do trabalho e do movimento operário, com temas referentes não só à participação feminina no mercado de trabalho, como também ao trabalho infantil, principais contribuintes para acumulação capitalista. Estes estudos direcionados às condições de trabalho e vida, bem como suas manifestações coletivas no âmbito operário, constataram que as condições

operárias submetidas ao homem e à mulher não constituíam laços de solidariedade entre os dois sexos, mas sim, ocasionaram disputa entre os mesmos (GONGALVES, 2006, p. 58).

Ainda na década de 70, o movimento feminista que foi organizado para lutar contra a desigualdade nas relações de gênero esteve intimamente ligado à constituição da história das mulheres, como campo específico de conhecimento. E a ampliação da luta do movimento feminista à história das mulheres e os estudos relativos a estas afastaram-se da política e direcionaram-se à história especializada (GONGALVES, 2006, p. 62).

Com uma representação maior no meio acadêmico, as militantes feministas, ao buscarem igualdade entre os sexos, desenvolveram estudos sistemáticos atinentes à condição feminina no campo das ciências Humanas e Sociais, especificamente na História. Estes trabalhos sobre a história das mulheres foram se multiplicando com objetivo de questionar o sujeito universal da história e mostrar que as mulheres haviam influenciado nos acontecimentos históricos (GONÇALVES, 2006. p. 64-66). Além do mais, com a finalidade de ampliar a análise sobre estes estudos, algumas mulheres fundaram revistas, promoveram eventos e organizaram núcleos de estudos (LOURO, 1997, p. 17).

Nos anos 1980 o campo da história das mulheres sofreu alguns impasses. Decorrida uma década do auge das manifestações do movimento feminista, este passava por uma crise, visto que não atingiram seu principal objetivo de conquistar a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Além disso, de acordo com Gonçalves (2006, p. 68), a dinâmica do movimento feminista começou a revelar sua diversidade e acentuar suas divisões de forma a se descobrir como diversidade dentro do próprio movimento. Com isso, ocorreu a separação entre o movimento feminista e a produção de uma história das mulheres. Isto é, as mulheres passaram a ser preocupação central da história feminina voltada para o saber produzido com ênfase nas relações de dominação entre homens e mulheres.

Já nos anos de 1990 do século XX, a história das mulheres cedeu lugar para uma pluralidade de protagonistas, deixando de lado a preocupação com a centralidade. Os estudos direcionados exclusivamente às mulheres ainda seguiam com participação secundária destas no processo histórico.

No entanto, à medida que se consolidava a história das mulheres, tornava-se mais nítida a sua forma de contribuir, inovando, questionando algumas linhas básicas da historiografia e conquistando novos espaços (GONÇALVES, 2006. p. 69-70).

Logo, temas como “formas de trabalho, corpo, prazer, afeto, escolarização, oportunidades de expressão e de manifestação artística, profissional e política, modos de

inserção na economia e no campo jurídico” (LOURO, 1997, p. 19) tornaram-se fontes privilegiadas na pesquisa sobre o feminino.

Sem dúvidas, a construção de novos cortes teórico-metodológicos como o estudo do cotidiano, a ampliação de fontes, as transformações na historiografia proposta pela tradição dos *Annales* e o movimento feminista tiveram papel fundamental na reflexão teórica sobre o estudo das mulheres, contribuindo para que estas se tornassem visíveis na história oficial.

Essa presença e visibilidade da mulher nos estudos e pesquisas estabeleceram, com intuito de não mais estudar a mulher de forma isolada, a criação de uma nova categoria de análise, “o gênero” que, segundo Scott (1995, p. 75), é “utilizado para designar as relações sociais entre os sexos”, bem como uma forma de significar relações de poder. Relações estas, construídas e moldadas cultural e socialmente. De acordo com os estudos de Scott (1995, p.72).

O termo “gênero” enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico.

Segundo este pensamento, não tinha como compreender qualquer um dos sexos através de estudos separados. Diante disso, a categoria gênero foi lançada com finalidade de compreender o “leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos” (SCOTT, 1995, p.72).

É válido salientar que, embora o termo gênero não signifique uma tomada de partido para designar o estudo apenas das mulheres, é utilizado em trabalhos, como sinônimo de mulheres, pois “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra que o termo “mulheres”.

Além de ressaltar que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, a categoria gênero evidencia que as diferenças entre os sexos, as diversas formas de subordinação feminina, bem como os papéis sociais do homem e da mulher, estão intimamente vinculados a questões construídas culturalmente, desconsiderando em primeiro plano as explicações biológicas. Neste sentido, gênero é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

Todavia, o argumento de que as relações entre o homem e a mulher decorrem de suas diferenças sexuais define que cada um dos sexos deve desempenhar um papel determinado socialmente. Neste sentido, “a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e justificar – a desigualdade social” (LOURO, 1997, p. 20).



Outro fator influente nas relações sociais é a sexualidade ou identidades sexuais, sendo estas impossíveis de se compreender, observando apenas seus componentes naturais, já que sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais.

É importante ressaltar que a identidade sexual de um sujeito é construída e constituída através da forma como ele vivencia sua sexualidade. E, assim como a de gênero, a identidade sexual é instável, uma vez que é passível de transformações e está sempre se constituindo (LOURO, 1997, p. 26-27).

Nesta perspectiva, o sujeito, independentemente de sua naturalidade biológica, vai se construindo como masculino ou feminino, encontrando-se socialmente, como ocorre com a identidade sexual admitida pelos gays e lésbicas, os quais vêm mostrando que o “esquema polarizado linear não dá conta da complexidade social” (LOURO, 1997, p. 37). Esquema este, observado nas análises sobre gênero que concebem os dois sexos como pólos opostos dentro de uma lógica de dominação e submissão. Lógica essa que, para Scott (apud LOURO, 1997, p.30), é preciso ser desconstruída de maneira a admitir que o pólo masculino está contido no feminino assim como o feminino está contido no masculino. Além disso, implica perceber que os dois pólos são fragmentados e divididos, uma vez que não existe apenas um modelo de mulher, assim como não existe apenas um modelo de homem.

Enfim, foram as relações de poder a preocupação central dos estudos feministas, os quais buscaram evidenciar as formas de silenciamento e opressão sofridas pelas mulheres, as quais tiveram sua história negada, durante séculos, na historiografia oficial. Por outro lado, os estudos de gênero, ao buscar transpor este silêncio e invisibilidade relegados às mulheres, utilizaram uma diversidade de documentações e pequenas referências, dentre elas

a legislação repressiva, fontes policiais, ocorrências, processos-crimes, ações de divórcios, até canções, provérbios, literatura, cronistas, memorialistas e folcloristas, sem esquecer as correspondências, memórias, manifestos, diários, materiais iconográficos, fontes eclesiásticas e médicas. Os jornais, a imprensa feminina, a documentação oficial, cartorial e os censos não são descartados, bem como a história oral, que vem sendo utilizada intensamente e de maneira inovadora. (MATOS, 2002, p. 248)

Portanto, já que as “mulheres constituem um grupo oprimido cuja história foi silenciada, restituir-lhes a memória e a voz é dar-lhes o passado e a história” (BERNARDO, 2010, p. 3), o que ocorre com as narrativas das professoras em estudo, visto que elas praticaram o exercício de reinvenção de um passado em comum, reconstituindo uma memória coletiva.

Diante disso, verifica-se a importância da discussão sobre o gênero no campo da história da educação, trazendo a história das mulheres educadoras de Cubati e reafirmando seu valor ao discutir sobre essa história na perspectiva delas.

## 2. TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO EM CUBATI

Neste capítulo abordaremos a trajetória histórica da Educação em Cubati, refletindo sobre a história das escolas articulada à história das professoras depoentes desse trabalho, mostrando como era a educação na cidade, dentro do período proposto que estamos nos referenciando para discutir nosso tema, o qual compreende os anos de 1957 a 2004. Nele será feita, também, inicialmente, uma breve menção ao contexto histórico da cidade para que se possa compreender como era Cubati na referida fase e qual a importância dessa história para nossa análise.

### 2.1. Narrativas cotidianas sobre Cubati: seu espaço de lazer, cultura e os lugares de educar

Para falar sobre a História da Educação em Cubati, dentro do período histórico estudado, se torna importante mostrar como era a cidade, para que o leitor possa verificar a relação entre as mudanças na educação e as mudanças ocorridas no município. Antes de tudo, buscaremos apresentar resumidamente, sua origem, bem como contextualizá-la historicamente.

Cubati teve seu nascedouro no início do século XX graças a uma doação de terras feita por Manoel Maria de Barros<sup>2</sup>, um ex-escravo que por ter prestado alguns serviços extras ao seu dono, Joaquim Gurinhem ganhou, do mesmo a carta de alforria, juntamente com uma parte de sua propriedade. Até então, no território onde hoje é Cubati, existiam apenas três casas na fazenda Canoas<sup>3</sup> (SOUTO, S/d, p.10).

Antes da doação de parte de suas terras que corresponde, hoje, às quatro avenidas do centro da cidade, o ex-escravo Manoel M. de Barros construiu, em 1912, uma capela<sup>4</sup> para servir de encontro dos moradores e, em seguida, adquiriu uma imagem de São Severino Bispo<sup>5</sup>, vinda da Europa que, posteriormente, foi aclamado como padroeiro do povoado Canoas, na época pertencente ao município de Picuí. Com a edificação da capela, foram construídas algumas casas ocupadas pelas famílias já existentes no povoado e pelas famílias peregrinas que se assentaram, instituindo as primeiras casas no local (ROCHA, 1995, p. 4).

---

<sup>2</sup> Conhecido como Manoel de Barros, e reconhecido como fundador Cubatiense.

<sup>3</sup> A Fazenda Canoas pertencia a Joaquim Gurinhem.

<sup>4</sup> Não se sabe até quando esta capela existiu.

<sup>5</sup> A imagem do santo São Severino Bispo teria vindo da Europa em embarcações até o Brasil e ao chegar ao país teria viajado em lombos de animais até chegar ao Povoado Canoas.



*À esquerda, em madeira branca, está a Capela de Manoel M. de Barros.  
Fonte: Acervo pessoal de Valquíria Lopes.*

Outro acontecimento que faz parte da história da cidade e contribuiu para o surgimento desta, foi a tentativa de efetivar a primeira feira, ocorrida em 1913. Todavia, devido a várias circunstâncias, a feira não progrediu. Contudo, só em 1924, com a intervenção do influente Pe. Simão Fileto<sup>6</sup>, o qual tornou-se personalidade de sustentação no progresso do povoado, foi possível a concretização da feira no povoado Canoas, realizada no dia 2 de fevereiro, onde, atualmente, é a praça central da cidade. A realização desta feira livre abriu possibilidade de expansão para o comércio que foi evoluindo com os anos (ROCHA, 1995, p. 4).

Em 1938, foi aprovado, na Câmara Municipal de Picuí, o projeto do vereador Francisco Vasconcelos de elevar o povoado Canoas à Vila de Cubati, através da Lei nº1. 164. Neste mesmo ano a atual igreja Católica da cidade realizava sua 1ª missa, ainda sem ter finalizado sua construção, a qual se deu em um local diferente da capela construída por Manoel M. de Barros (SOUTO, S/d, p.32).

A vila continuou ganhando novos moradores e o status de vila já não correspondia à movimentação financeira e social do lugar. Com isso, alguns homens considerados os representantes das famílias mais importantes do local, se juntaram ao deputado Geroncio S. da Nóbrega e convenceram o governador da Paraíba, Pedro Moreno Gondin, a emancipar a Vila de Cubati, tornando-a cidade de Cubati (ROCHA, 1995, p. 05).

---

<sup>6</sup> De família coronelista, Padre Simão Fileto (Simão Patrício Pires), na época, atuava na Paróquia de Pedra Lavrada e região, considerado influente por ser tio do governador da Paraíba Solon de Lucena e irmão do deputado Otacílio de Albuquerque.



*Avenida central de Cubati, entre as décadas de 40 e 50 com a Igreja São Severino Bispo. Fonte: Acervo pessoal de Valquíria Lopes.*

Assim, em 30 de abril de 1959, com a Lei Estadual nº2. 076 nasceu Cubati que teve, inicialmente, como representante, José Paulino da Costa - prefeito interino – e, na sequência, seu primeiro pleito eleitoral realizado em 02 de agosto de 1959 elegendo como primeiro prefeito constitucional José de Medeiros Dantas. Fatos estes relatados na poesia de Vicente José de Medeiros sobre Cubati:

61. Assim Canoas marchava, em uma linha direta, das vilas da região foi sempre a mais predileta, no ano 59, de Picuí se liberta. 62. O povo ficou alegre, em face da novidade, a profecia de padre Fileto, tornou-se realidade, quando dizia, Canoas, ainda será cidade. 63. Agora com esse evento, tomaram outro destino, foi escolhido do povo o senhor José Paulino, pra assumir a prefeitura, como prefeito interino.<sup>7</sup>

Vale salientar que a data em que se festeja a emancipação da cidade é 6 de julho, por ter sido nesta data que a nota de emancipação tornou-se de conhecimento dos munícipes (SOUTO, S/d, p. 32).

O nome Cubati tem sua origem na língua Tupi-Guarani, falada pelos nativos que antes habitaram este território. Com relação ao seu significado existem controvérsias, dentre as quais considera-se a versão que mais se aproxima da realidade a de que segundo estudiosos da Toponímia paraibana, a palavra significaria “rio de água salobre”, justificando o porquê dos nativos, que aqui viveram, chamar o Rio Seridó de Rio Cubaty (SOUTO, S/d, p.33).

Verificamos, portanto, que assim como o surgimento de vários outros povoados, vilas e cidades no Brasil, Cubati nasceu de um agrupamento de casas ao redor de uma capela. Sabe-se que a participação do catolicismo no surgimento desse município foi de grande relevância,

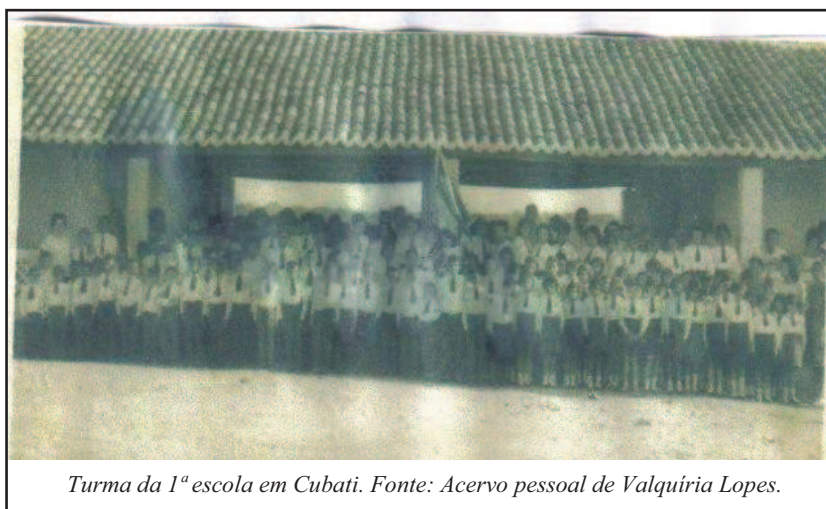
<sup>7</sup> Texto estruturado dessa forma pelo autor.

uma vez que foi a participação direta de um religioso atuante na região que estimulou a formação e, posteriormente, a emancipação do município.

Cubati encontra-se localizada na região do Seridó Oriental Paraibano (Brasil), a 214 km da Capital (João Pessoa) e a mais de 85 km de Campina Grande, principais cidades paraibanas. Com área territorial de 137,2 Km<sup>2</sup> faz divisa ao norte com Pedra Lavrada, ao sul com Olivedos, ao leste com Barra de Santa Rosa e Sossego e ao oeste com São Vicente do Seridó. Quanto à população, atualmente, reúne, aproximadamente, 6.859 habitantes, dado estimado pelo censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) realizado no ano de 2010.



Após sua emancipação, o município já provia de algumas repartições de cunho social. Dentre as principais, podemos citar: a Igreja católica São Severino Bispo, construída em partes e em forma de cruz, iniciada em 2 de maio de 1936 e concluída, com sacristia e casa paroquial, no início da década de 60; o Cruzeiro Esporte Clube, fundado em 1951; e o prédio atual, da Escola Municipal Elisa Costa, construída no final da década de 40 pela rede estadual de ensino (SOUTO, S/d, p. 27).



É a partir deste momento de pós emancipação que nos propusemos aos estudos da educação correlacionando-os ao cotidiano da cidade. Neste sentido, buscaremos discutir sobre os lugares de lazer, as principais festividades, e os lugares de educar, com o ensejo de mostrar como era a cidade em quase meio século de educação, que tomamos para nossos estudos.

No transcorrer dos governos, as administrações políticas da cidade desenvolveram, até o século XXI, várias obras públicas, entre as quais aludimos: iluminação elétrica urbana e rural, saneamento básico, pavimentação, edificação de lavanderias públicas, chafarizes, conjuntos habitacionais, mercado público, hospitais, prefeitura, cemitérios, matadouro, curral de exposições de animais, construção de tanques, açudes, poços artesianos, barragens e outras conquistas como telefonia, Correios, Emater, Banco do Brasil, receptoras de televisão, dentre outras obras que garantiram e garantem a comodidade dos habitantes cubatienses. No entanto, são feitos públicos sobre os quais não iremos nos deter.

Com relação aos lugares de lazer, pouco tempo depois de sua emancipação a cidade, por ser jovem e pequena, não oferecia muito lazer, existindo apenas, como já foi mencionado, o Cruzeiro Esporte Clube criado no dia 21 de setembro de 1951, que ao fazer a aquisição de um campo para realização dos treinos e partidas da equipe de futebol recém-formada, proporcionou à população, durante anos, muita animação nas tardes de domingo, uma vez que grande parte da comunidade comparecia para prestigiar e torcer pelos seus craques favoritos. Com o passar dos anos, outras equipes de futebol foram se formando, como Palmeiras Esporte Clube, Clube Náutico Esportivo e Trintão Esporte Clube, do meio urbano. E no meio rural a equipe do Botafogo de Golpe D'água, Ponte Preta de Cacimba de Besta e o Vasco da Prainha.



*Desfile de 7 de setembro de 1961. Fonte: Acervo pessoal de Silvano Fidélis.*

Em se tratando de festividades, em 1961, ainda na gestão de José de Medeiros Dantas, ocorreu na cidade o seu primeiro desfile de 7 de setembro. Uma festa de ordem cívica e

marcante que teve continuidade nos anos posteriores, porém suspensa nos anos 80, resgatada em 99 e suspensa, novamente, nesta última gestão, a de Dimas Pereira da Silva.

É válido registrar sobre outra festividade tradicional como a festa do Padroeiro de São Severino Bispo que vem sendo realizada desde 1930. Comemorada, inicialmente, na primeira semana de novembro, anos depois passou a ser solenizada no dia 31 de dezembro, juntamente com a festa de ano novo. Foi alterada, novamente, e, atualmente, festeja-se nas primeiras semanas de novembro, com novenários. Além disso, a cidade recebe parque de diversão, barracas, bandas musicais que se apresentam no pavilhão, não esquecendo as missas e procissão de encerramento.

No campo educacional, do meio rural, as regiões pioneiras com o favorecimento de grupos escolares na gestão de José de Medeiros Dantas foram: Bela Vista de São Gonçalo; Boa Esperança; Golpe D'água e o sítio Abreu. Esta escola edificada em 1970, no sítio Abreu, de nome Grupo Escolar José de Medeiros Dantas, corresponde à escola em que uma das professoras depoentes deste trabalho atuou durante mais de trinta anos de sua vida como professora.



*Escola M. José de Medeiros Dantas, recém construída, em 1970.  
Fonte: Acervo pessoal de José de Medeiros Dantas.*

A cidade ganhou, também, um espaço de lazer, a praça central Josebel Gomes, construída em 1972. Uma das mais belas praças da região, depois de concluída com piscinas, uma passarela e uma grande e variada quantidade de flores, chamava atenção dos visitantes. (SOUTO, S/d, p. 29).

À noite, a praça era o lugar preferido para namorar e para se reunir com amigos. Todavia, atualmente, esta praça encontra-se com algumas alterações, visto que sofreu algumas reformas. Também, na década de 70, foi construído o salão Paroquial, obra de cunho religioso e destinado a palestras, reuniões pastorais e festas da comunidade religiosa.





A década de 70 foi marcada por grandes feitos públicos. Neste período foi construída, por José de Medeiros Dantas, como marco na educação da cidade, a Escola Municipal Padre Simão Fileto, inaugurada em 31 de março de 1972, considerada o maior patrimônio educacional da cidade, visto que durante seus primeiros anos de existência destacava-se entre os municípios vizinhos, por ser a única na região, dando suporte às cidades de Pedra Lavrada, Olivedos, São Vicente e Seridó.



Principal educandário até os dias de hoje, iniciou seus trabalhos educacionais em 10 de abril do mesmo ano de sua inauguração, apenas com uma 5ª série, pois não havia alunos suficientes para preencher todas as séries do ensino fundamental II e o 2º grau. É importante ressaltar que no ano de 1982 foi cedido o prédio do município ao estado para o funcionamento da Escola Estadual de 1º e 2º Grau Iolanda Tereza Chaves Lima, por aproximadamente 20 anos.

Ainda na zona rural, foi construída em 1975, no sítio Praia Nova, a Escola Alice Alcântara de Sousa, cujo nome foi uma homenagem à primeira professora da comunidade, a qual incentivou Maria Patrocínio Medeiros de França a iniciar sua carreira como professora no município. Neste mesmo ano, no sítio Cacimbão, foi construída a Escola Antônio Fernandes de Macedo, escola em que Rita Maria dos Santos atuou como professora, durante quase 20 anos.

O cinema também já teve sua passagem na história da cidade, dado que, a partir de 1977, José Orlando promovia o Cine São Severino no antigo mercado da cidade, situado, na época, na praça central, local onde também funcionava, após as sessões de cinema, a boate Tropicana. O cinema, juntamente com a boate, perduraram até o início dos anos 90.

Na zona urbana foi construída a segunda escola municipal, instalada entre 1978 e 1979, de nome Escola Francisco Clementino de Souto, a qual recebeu esta denominação em homenagem ao senhor que doou o terreno para sua construção. Além disso, esta escola foi a primeira da rede municipal em nível de 1ª fase (SOUTO, S/d, p. 28).



*Inauguração da E.M.E.F. Francisco Clementino Souto, em 1980.  
Fonte: Acervo pessoal de Silvano Fidélis.*

Nos anos 80, o Clube do Cruzeiro e, posteriormente, nos anos 90 a Boate Spacial juntamente com a Boate Extra Som, promoviam periódicas festas dançantes, feijoadas, entre outras. As boates funcionaram até o início dos anos 2000. Outro espaço que ainda serve de encontros para os adultos é o salão de jogos na sede do Cruzeiro Esporte Clube.

A década de 80 também representou grandes conquistas no plano educacional, uma vez que nessa época várias escolas foram construídas. Na cidade, a Escola Zózimo Pereira e a creche Angela Tributino Leite, no local de uma antiga lavanderia e chafariz, nos anos 80. No campo, a creche Martinha M<sup>a</sup> da Conceição, pela rede estadual, na comunidade Abreu. Pela rede municipal a Escola Manoel Moreira de Medeiros, em 1983, no sítio Capoeiras; a Escola

Antonio Pereira de Souto, em 1984, no sítio Boa Vista; a Escola Maria Claudino, no sítio Malhada do Angico e Escola Ceciliano Gomes, no sítio, Bela Vista, em 1985; a Escola Hercília de Souza, em 1986, no sítio Quixaba; e em 1988, a Escola São Severino no sítio Boa Esperança.

Ainda nesta década foi construído o Órgão Municipal de Educação e a Praça Padre Cícero, na mesma rua em que os amantes do esporte ganharam uma quadra esportiva, construída na gestão de Severino Carolino Sobrinho, na Rua Afonso Cordeiro Agra, atendendo a uma necessidade social. Atualmente, esta quadra esportiva deu lugar a mais uma escola.

É no início dos anos 90 que a cidade começa a realizar uma das maiores festas da região que logo tornou-se tradição. O Super Cross ou Enduro de Moto Cross é a maior representação turística da cidade, festividade bastante significativa por ser realizada na data do aniversário de emancipação política da cidade e por receber milhares de visitantes durante o evento. Foi desenvolvido em 1991 pelo empresário Josinaldo Vieira, em parceria com o Cruzeiro Esporte Clube, apoiados pela prefeitura municipal da cidade. Inicialmente, o evento acontecia na zona rural, mas com a crescente demanda de turistas foi deslocado para um espaço dentro da cidade.



Nos dias atuais, são realizados três dias de festa, na sexta-feira ocorre, à noite, desde 2005, o concurso da garota Super Cross, com apresentações de bandas. No sábado, também, à noite, apenas apresentações de bandas, e aos domingos, durante o dia, ocorrem as corridas de moto do Circuito Turístico de Esportes Radicais da Paraíba, e à noite, na praça central, o evento é encerrado com apresentações de bandas (BRITO e SOUTO, 2006, p. 1-7).

Mais duas escolas foram criadas, no meio urbano, no início dos anos 90. A Escola Justiniana Ribeiro fundada em novembro de 1991, a princípio, como escola profissionalizante. E a Escola Gente Inocente, também, em 1991, construída no local onde, antigamente, funcionava uma das lavanderias públicas da cidade.



*Acima, a antiga lavanderia pública, em 1972. Abaixo, a escola Gente Inocente, em 2011. Fonte: Acervo pessoal de José de Medeiros Dantas.*

A cidade também contava com o Clube das Mães Ines Guimarães de Oliveira, fundado em 23 de maio de 1993, que desenvolvia ações na comunidade, objetivando ajudar as pessoas mais carentes, compartilhando, com as mães, melhores dias, orientando menores de rua, oferecendo cursos de pintura, culinária e promovendo, todo ano, o natal das crianças pobres e dos/as filhos/as das sócias.

Ainda em meados dos anos 90, a população cubatiense passou a contar com a Praça Iolanda Chaves de Lima, inaugurada em 95, bem como a desfrutar do parque aquático no Clube do Cruzeiro, na época, única entidade a contar com uma piscina na região. Construída em 1991, foi aberta aos não sócios do clube, em 1995, aos finais de semana, onde havia disponível “a manha de sol” em lugar aprazível em que, além da piscina, eram oferecidos serviços de bar e música ambiente (ROCHA, 1995, p.7). Hoje, estes serviços não são mais oferecidos. No entanto, o espaço da piscina no clube encontra-se disponível para aluguéis aos domingos.



*Manha de sol, no Clube do Cruzeiro, em 1995.  
Fonte: Acervo pessoal de Ayla Cordeiro Gondim.*

Temos, também, as festas juninas, que revelam a tradição seguida pelo povo ao comemorar o dia dos santos com fogueiras em frente às suas casas, ao preparar canjicas, pamonhas, cozer e assar o milho. Quanto à festa do São João, esta é realizada na praça central da cidade, com barracas, apresentação de quadrilhas tradicionais, quadrilhas improvisadas e apresentação de bandas. Vale ressaltar que a cidade já possuiu duas grandes tradicionais quadrilhas, de nome Xique-xique e Tradição Nos dias atuais, apenas a quadrilha Estrela Junina representa Cubati durante o período junino.

Um São João que mereceu destaque foi o realizado no ano de 1999, visto que a comunidade escolar da rede municipal uniu forças, montando barracas de São João na praça central da cidade para arrecadar fundos direcionados à aquisição dos instrumentos marciais de que a banda marcial municipal precisava para tocar no dia 7 de setembro.



*Barraca Arraia da Filó, organizada por professoras da rede municipal de ensino, em 1999. Fonte: Acervo pessoal de Rosicléide Cassimiro de Lima.*

Outro marco na tradição da festividade cubatiense foi em 2001, tendo em vista que o São João passou a realizar concurso de quadrilhas, ganhando repercussão regional a cada ano. Nesse período, a cidade também realiza o São Pedro da Serra no bairro da Serrinha, com o mesmo estilo do São João. A festa foi promovida, a princípio, pela Escola Municipal Elisa Costa e, em seguida, tornou-se tradição.

Partindo dessa panorâmica e caracterização da cidade de Cubati, importa discutirmos sobre a educação no município, através das memórias de professoras.

## 2.2 Memórias educativas de Cubati

A História utiliza-se da memória como um dos seus recursos disponíveis para a produção do conhecimento historiográfico. Diante disso, a História da Educação, escrita a partir da narrativa de história de vida de professora como sujeito histórico, é considerada um fator de construção importantíssimo, tendo em vista o inquestionável valor da memória enquanto material para essa mesma História.

Neste sentido, falar da História da Educação em Cubati incide refletirmos sobre essa importância relativa às memórias de professoras, as quais nos possibilitam pensar sobre a História da Educação em um dado lugar em uma dada realidade. Desta forma, discutiremos, neste componente, sobre a memória da educação em Cubati a partir das falas de educadoras.

Castanho (2010, p.55) ao falar sobre memória enfatiza a importância desta ao afirmar que “a memória, desenvolvida durante a já longa história da sociedade humana, mediante o aperfeiçoamento dos processos e procedimentos mnemônicos<sup>8</sup> e mnemotécnicos<sup>9</sup>, é bem mais confiável e objetiva do que se poderia supor”.

Verificamos, portanto, a importância em tratar a História da Educação a partir de um olhar sobre a memória de professoras para compreendermos o contexto histórico educacional de Cubati em um dado contexto temporal e, partindo disso, apreendermos a sua relação com a memória da educação no Brasil.

Relacionar a História da Educação às memórias de professoras significa debater sobre a história de vida dessas educadoras, abordando suas relações com seu grupo de inserção, bem como a forma como elas foram educadas e como, a partir dessa educação, elas se tornaram

---

<sup>8</sup> A mnemônica é o processo intelectual que consiste em estabelecer uma associação ou uma ligação para relembrar alguma coisa.

<sup>9</sup> O termo mnemotécnico são técnicas que consistem basicamente em associar as estruturas e os conteúdos que se pretende memorizar com determinadas localizações físicas ordenadas consoante mais convier.

professoras e exerceram sua prática pedagógica, contribuindo no fazer histórico educacional local e consequentemente nacional.

Ao realizar o ato de relembrar suas memórias, as professoras fizeram o exercício de externalizar o que avaliaram de mais significativo, ao longo de suas vidas, com relação às suas vivências, suas aprendizagens, à forma como educaram e como, de fato, através da História Oral, produziram representações e não reconstituição do real. Partindo disso, abordaremos a História da Educação em Cubati nas memórias de Maria Patrocínio Medeiros de França, Rita Costa Fernandes, Adeilda Maria de Lima Silva, Rita Maria dos Santos e Ivoneide Ângelo Lucindo.

Todas essas educadoras atuaram na educação do município de Cubati em locais e períodos diferentes, lembrando que Ivoneide Ângelo ainda atua como professora. Quanto às demais, encontram-se aposentadas. Todavia, mesmo não estando aposentada, as histórias da docência contadas por Ivoneide são significativas para podermos compreender a educação no município num contexto mais atual, e saber sobre o que pensa a docente em relação às questões da educação no município, a partir de seus espaços de trabalho. De todas as professoras citadas a que primeiro iniciou, historicamente, sua carreira docente foi Maria Patrocínio, em 1957, dois anos antes da emancipação política da Vila Cubati.

Vale ressaltar que nesse período, na região onde hoje é Cubati, existia apenas o ensino particular em residências e uma escola da rede estadual chamada, inicialmente, até a década de 50, de Escola Rudimentar Mista, depois, denominada de Grupo Escolar Reunidas de Cubati. Posteriormente, no início dos anos 60, foi nomeada Grupo Escolar Olivina Carneiro da Cunha.

Em 1983 essa escola mudou novamente de nome, bem como de endereço, passando a funcionar com a denominação de Escola Estadual de 1º Grau Terezinha Martins Dantas, na Rua Manoel Galdino. O antigo prédio, correspondente ao primeiro educandário do município passou a ser municipal com o funcionamento da Escola Municipal Elisa Costa (SOUTO, S/d, p. 13).

O contexto da localidade, quando Maria Patrocínio iniciou como educadora, correspondia à falta de recursos, com expressivas limitações quanto à disponibilidade na educação, saúde, transporte, infraestrutura, saneamento básico, visto que o lugar ainda estava a dois anos de tornar-se, politicamente, liberto.

A forma como a professora em questão assumiu uma sala de aula multisseriada, na comunidade de Praia Nova, é bastante curiosa, uma vez que, em 1957, ainda não existia

seleção, nomeação, portaria e/ou contrato. Na época, após ter cursado a 4ª série<sup>10</sup>, pela segunda vez, não por repetência, mas por solicitação de sua professora Alice Alcântara de Sousa que objetivava tornar sua aluna mais apta para, futuramente, após o casamento da professora, bem como sua mudança para o Rio de Janeiro, substituí-la, como professora, até ser nomeada pelo Estado, em 1962, para trabalhar como diretora no Grupo Escolar Olivina Carneiro da Cunha. Episódio esse, retratado na fala da depoente:

[...] Em 1957, eu substitui a minha professora Alice Alcântara que ela casou-se e foi embora para o Rio de Janeiro e me deixou substituindo ela, eu tinha terminado a 4ª série uma vez, duas, que ela me botou pra recordar e fiquei até passar para o estado em 1962 [...] (MARIA PATROCÍNIO MEDEIROS DE FRANÇA, 2011).



*Professora Alice Alcântara de Sousa, umas das primeiras professoras da localidade que atuou até a década de 50.  
Fonte: Acervo pessoal de Valquíria Lopes.*

Ao retratar sua vida escolar no período que iniciou como professora até o ano de 1962, momento que passou a trabalhar pelo Estado, a professora relatou que sua vida era:

Sofrida né? [...] morando distante, da Praia Nova pra Barra da Canoa a pé, tendo dificuldades, foi! Mas muito alegre, eu gostava muito, sabia que era de sofrimento né? Mas era muito bom, com minha mãe me dando muito apoio e meu pai também, muito bom! (MARIA PATROCÍNIO MEDEIROS DE FRANÇA, 2011).

A depoente deixou claro sobre as inúmeras dificuldades que ela e seus alunos/as vivenciaram, uma vez que a ida ao local das aulas se dava a pé, já que não havia transporte disponível para aqueles/as que residiam em comunidades distantes. Acerca do material

<sup>10</sup> A 4ª série equivale, hoje, ao 5º Ano. Assim como a antiga alfabetização corresponde, atualmente, ao 1º Ano, a 2ª série ao 3º Ano e a 3ª série ao 4º Ano.



escolar, não havia livros disponibilizados por nenhuma entidade mantenedora, eles deveriam ser comprados, assim como os cadernos de capa fina e folha pautada usados pelos alunos/as.

Em 1962, quando a professora Maria Patrocínio começou a trabalhar como diretora no Grupo Escolar Olivina Carneiro da Cunha, escola pequena, com apenas uma sala de aula, um pátio, uma cantina e sanitários, a cidade já tinha sido emancipada e a educação pública dava passos para seu crescimento e amadurecimento, visto que, mesmo com toda dificuldade, o Estado começava a fornecer livros didáticos e a escola já realizava, com o apoio da prefeitura, os desfiles do dia 7 de setembro, momento muito apreciado pela professora que, quando indagada sobre as festividades da escola enfatizou que:

Ah! Muito boas, o povo ainda lembra, os desfiles abafavam mesmo. Trazia os meninos de fora pra dá instrução, os daqui aprendiam e [...] A cidade tinha muitas coisas boas né? Porque aparecia os prefeitos né e eles sempre davam muito apoio as escolas tanto municipal como estadual, era banda de música, compravam tudo, contratavam pessoas pra ensinar, da instrução [...] (MARIA DO PATROCÍNIO MEDEIROS DE FRANÇA, 2011).

Percebemos, portanto, que a educação já se mostrava voltada ao cultivo do civismo, ao procurar dar ênfase às datas históricas, principalmente à comemoração do dia 7 de setembro, com realização de desfiles pela cidade com os/as alunos/as que, inicialmente, marchavam com a batida de dois instrumentos e, posteriormente, com a primeira Banda Marcial do município, adquirida, em 1969.



*Desfile do dia 7 de setembro na avenida central da cidade em frente a antiga prefeitura, entre as décadas de 60 e 70. Fonte: Acervo pessoal de Maria*

É válido ressaltar que enveredar nas memórias dessa e das outras professoras citadas, significa explorar o significado de um grupo como condição para a construção da História da

Educação em Cubati. Nesta perspectiva, Halbwachs (apud SCHMIDT E MAHFOUD, 1993, p. 288), afirma que

Na memória coletiva o passado é permanentemente reconstruído e vivificado enquanto é resignificado. Neste sentido, a memória coletiva pode ser entendida como uma forma de história vivente. A memória coletiva vive, sobretudo, na tradição, que é o quadro mais amplo onde seus conteúdos se atualizam e se articulam entre si.

Diante disso, concluímos que a memória coletiva apresenta-se como presença ativa do passado e conseqüentemente solução deste, por desempenhar papel fundamental nos processos históricos, através de determinado grupo social que realiza esse trabalho articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns. Nesta pesquisa esse trabalho é realizado por professoras ao rememorar suas histórias de vida como educadoras.

Verificamos, também, que a educação passou a contar com capacitação de professoras, quando a rede estadual começou a oferecer treinamentos periódicos em Alagoa Grande, fato percebido na fala da professora Rita Costa ao descrever a forma como iniciou no magistério:

[...] comecei em 1965 na Olivina assim, como, não era mesmo professora, era bolsista. Agente fazia um treinamento em Alagoa Grande. Passava três meses lá e ensinava oito meses aqui na escola. Aí, quando passou os quatro anos de treinamento (65, 66, 67, 68), quando terminou em 68 eu fui nomeada pelo Estado (RITA COSTA FERNANDES, 2011).

Compreendemos que, a partir de 1965, quando a educadora Rita Costa iniciou como bolsista neste treinamento para ser professora no Grupo Escolar Olivina Carneiro da Cunha, onde era disponibilizado o ensino até a 4ª série, a educação progredia à medida que, neste período, para assumir uma sala de aula na escola da rede estadual, não bastava ter, apenas, o primário completo, era necessária, também, uma habilitação.

Até então, a cidade só contava com essa escola estadual e uma escola improvisada que funcionava em um salão no centro da cidade. Já na zona rural, as escolas que existiam funcionavam em casas de algumas comunidades. Nos anos finais da década de 60, a referida escola estadual ganhou uma reforma e, conseqüentemente, uma nova estrutura, agora com três salas de aula, diretoria, cantina, sanitários e um pátio.

A falta de recursos persistia, e no que se refere ao material didático, na época, a escola contava, segundo a depoente Rita Costa Fernandes, que lecionou todas as séries do ensino fundamental I, com:

[...] cartazes, flanelógrafos, cartazes de prega, era sementes, botão, caixinhas de fósforos, de pasta, palito. Os livros que eu me lembro era “Talita” um livro chamado “Talita”. Pra alfabetização vinha a cartilha. Um livro chamado “Nordeste” [...] Os livros era a escola que fornecia, mas vinha do Estado (RITA COSTA FERNANDES, 2011).

Além desse material, havia, também, a utilização do diário de classe que, de acordo com a professora Rita Costa Fernandes, a princípio, não havia registro das aulas, o diário servia apenas para anotar as faltas e colocar as notas, mas que posteriormente, foi criado um espaço para essa finalidade de registros de aulas.

Com relação ao alunado, as duas professoras, afirmam nunca ter tido problemas, pois as crianças se mostravam bem comportadas, demonstravam respeito e carinho pelas professoras. Essas informações estão presentes nas falas de Maria Patrocínio e Rita Costa que, ao fazer relação com a atualidade, avalia o/a professor/a, de hoje, desvalorizado socialmente:

[...] Eram bons, obedeciam mesmo, obedeciam todo mundo [...] (MARIA PATROCÍNIO MEDEIROS DE FRANÇA, 2011). A maioria bons né? São muitos diferentes dos alunos de hoje. Nessa época o professor era valorizado tanto pelos pais dos alunos. Tinham uma professora como uma pessoa de destaque, de respeito. Ainda hoje, eu tenho umas ex-alunas que vem falar comigo que tem aquela atenção [...] (RITA COSTA FERNANDES, 2011).

As educadoras tiveram uma longa história na educação do município, visto que a educadora Maria Patrocínio que iniciou como professora, em 1957, em uma “escolinha” particular na zona rural, em seguida, no ano de 1962, como diretora do Grupo Olivina Carneiro da Cunha, ao mesmo tempo como professora na Escola Municipal Padre Simão Fileto, logo após sua fundação, em 1972, até 1983, quando foi perseguida politicamente, sendo obrigada a transferir seu cargo do estado para Campina Grande onde ficou até 1985, ano em que a educadora se aposentou pela rede estadual. A professora continuou atuando no município de Cubati como supervisora e orientadora de cursos de capacitação local e como coordenadora das escolas municipais até 2004, somando mais de 40 anos na educação cubatiense.

A educadora Rita Costa, por sua vez, atuou quase 30 anos na educação da rede estadual na cidade, uma vez que, iniciou, em 1965 ensinando no Grupo Olivina Carneiro da Cunha, em 1983, na Escola Estadual 1º Grau Terezinha Martins Dantas (sendo as duas a mesma escola, mas com denominações e endereços diferentes), se aposentando em 1994, mas dando continuidade na educação, em 1998, como diretora da Escola Municipal Gente

Inocente, até o ano 2000 quando voltou para sala de aula no Elisa Costa até 2010, somando ao todo mais de 40 anos na educação da cidade.

Verificamos, portanto, que com toda essa vivência no campo educacional do município, essas e outras professoras representam um fontes vivas de informações fundamentais para a formulação e interpretação da História da Educação que, segundo Cardoso (2011, p. 289), aborda uma pluralidade de temas e objetos que “acompanham as tendências gerais da historiografia em relação aos temas de investigação, ao tratamento de fontes, às categorias de análise e interpretação”.

É válido registrar que na década de 70 o Brasil vivenciava os anos mais severos do regime Militar, que resultou em repressões aos movimentos sociais, fechamento político-institucional e controle sobre as atividades culturais, educacionais, políticas, e religiosas (LOURO, 2010, p. 472).

Esse regime controlou todo o país e, ainda que pouco, teve seus reflexos na educação do município ao regular às ações didático-pedagógicas, as edições de livros didáticos, manuais para os/as professores/as, e ao implantar disciplinas como Educação Moral e Cívica, criada com intuito de colaborar na formação de cidadãos bem comportados para, efetivamente, contribuir com o governo vigente do regime militar.

Esta disciplina “Moral e Cívica” esteve presente na grade curricular da Escola Municipal Padre Simão Fileto, desde seu primeiro ano de funcionamento com a denominação de “Geografia e Moral e Cívica” até anos depois do fim da ditadura militar, com a designação de “Estudos Sociais”.

Nesta mesma década, a zona rural também foi contemplada com a edificação de vários grupos escolares, dentre eles o Grupo Escolar José de Medeiros Dantas, na comunidade do Abreu, em 1970, no qual Adeilda Maria foi professora por vários anos de sua vida e o Grupo Antônio Fernandes de Macedo, na comunidade do Cacimbão, entre 1975 a 1976, que teve como docente, por mais de vinte anos, a educadora Rita Maria.



A professora Adeilda Maria antes de iniciar, em 1976, seu trabalho no Grupo José de Medeiros Dantas, já havia, em 1963, quando solteira, montado uma “escolinha voluntária” na casa de sua avó para dar aulas às crianças, durante o dia, e a adolescentes do sexo masculino, durante a noite. Nesse período ainda não existia abertura para a mulher frequentar determinados espaços sociais, durante a noite. Dado este, confirmado pela professora em seu relato:

[...] eu fiz uma escolinha na casa de minha avó, voluntária não cobrava nada. Ensinava as crianças, ensinava a adolescentes à noite, de dia eu ensinava a umas crianças e à noite eu ensinava, naquela época quem era a moça que ia sair de noite de casa? Jamais né! Aí ensinava a uns rapazes [...] (ADEILDA MARIA DE LIMA SILVA, 2011).

Este pensamento vem ao encontro das palavras de Gonçalves (2006, p. 49), ao tratar a mulher “restrita a seu papel tradicional de dona de casa e mãe, limitando sua atuação, portanto, ao espaço doméstico [...]”. As representações do masculino e do feminino, assim como os lugares sociais previstos para ambos são integrantes do processo histórico, no entanto estas representações estão sendo desconstruídas, nos últimos anos.

Posteriormente, a professora passou a ser remunerada por um fazendeiro para ensinar aos seus quatro filhos. O ensino era da alfabetização à 3ª série. Em seguida, no ano de 1966, aceitou o convite de Antonio Fernandes de Macedo, o então prefeito da época, para dar aula às crianças da comunidade do Abreu, em sua casa, passando a ser paga pela prefeitura, semestralmente. Dado este que condiz com o depoimento de Rita Costa, sobre a educação rural do município que ainda não contava com prédios escolares, em meados dos anos 60.

O ensino na casa da professora Adeilda Maria perdurou por cinco anos, quando o município teve seu primeiro concurso público para professores/as, por volta de 1970, período em que a zona rural já contava com algumas escolas. O resultado do concurso para a professora Adeilda Maria não foi muito satisfatório, visto que a mesma, por não ter atingido certa pontuação em Matemática, foi obrigada a entregar sua sala de aula a outra professora, permanecendo afasta dessa sala de aula por cinco anos.

Um tempo depois chega ao município um projeto educativo federal com parceria estadual e assessoria municipal, o chamado MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), destinado à alfabetização de adultos, e tinha como supervisora local a educadora Maria Patrocínio. Na época, a professora Adeilda Maria, ainda afastada de sua sala de aula, compôs o quadro docente desse projeto. Fato que constatamos em seu depoimento:

[...] eu fui professora, com muito orgulho do Mobral. Quando me tiraram da sala de aula, [...] me tiraram em 70, quando foi em 71, aí o prefeito Zé Preá mandou me chamar para ser professora do Mobral e eu fui professora do Mobral. Era cinco meses e eu fui duas etapas. Aí nesse Mobral [...] eu ensinava a adultos, adolescentes, era mais adultos e pessoas mais que adultas, pois eu consegui alfabetizar um senhor com 60 anos [...] (ADEILDA MARIA DE LIMA SILVA, 2011).

O ensino no Mobral ocorria da seguinte forma:, após a professora responsável realizar as matrículas nas casas da comunidade, iniciavam-se as aulas com os jovens e adultos durante cinco meses o que correspondia à primeira etapa das duas definidas por turma para a aquisição da leitura e escrita. O projeto teve duração de dois anos, com término, em 1973.



*Turma concluinte do Mobral de 1973. Fonte: Acervo pessoal de Maria Patrocínio.*

Neste ano de 1973 a já professora Rita Maria, que antes morava e atuava como professora no sítio Campinas, em Queimadas, iniciou, em Cubati, suas aulas, após fazer uma prova atestando sua capacidade. Inicialmente, as aulas eram realizadas em um armazém de uma fazenda situada na comunidade do sítio Cacimbão, uma vez que várias crianças, filhos/as de agricultores precisavam de uma escola na comunidade, pois apenas os que tinham melhores condições financeiras se deslocavam para estudar em outra comunidade provida de grupo escolar.

Só a partir de 1975 essa comunidade pôde contar com um pequeno grupo escolar com apenas uma sala de aula multisseriada que, segundo Rita Maria (2012), “era uma alegria! Os meninos vinham tudo pra dentro do grupo, estudavam tudo deitadinho no chão, por que não tinha banco, num tinha nada [...] era sentadim. Os que não aguentava, deitava e aquela alegria, viu!”. Nesta afirmação, constatamos a falta de recursos vivenciados na educação

rural do município, no período citado, assim como o ensino multisseriado que segundo Veiga e Fonseca (2008, p. 90):

[...] faz cruzar as questões referentes aos espaços, aos tempos, aos conhecimentos, aos sujeitos escolares, aos métodos de ensino e à materialidade escolar. Todas estas dimensões são mobilizadas e tencionadas num momento único de definitiva institucionalização da forma escolar de socialização [...].

O ensino multisseriado foi realidade em quase todas as escolas da zona rural do município. Esse modelo de produção de cultura escolar sofreu, com os anos, algumas transformações desaparecendo em algumas escolas do município, embora ainda exista na zona rural.

Neste mesmo ano de 1975, por necessidade, a professora Adeilda Maria montou, pela segunda vez, em sua casa, uma escola, sendo esta particular, com funcionamento à noite, atendendo a um público de seis rapazes na comunidade do sítio Abreu. A escola funcionou até 1976 quando a professora foi convidada novamente para lecionar em sua antiga sala de aula, agora, no Grupo Escolar José de Medeiros Dantas.

A professora ministrou suas aulas apenas com o primário, até 1978, quando iniciou o Logos II, projeto destinado exclusivamente à capacitação de professores/as que já exerciam a profissão docente. A duração prevista desse projeto era de dois anos e seis meses.

No início dos anos 80, o Grupo Escolar José de Medeiros Dantas foi contemplado com a merenda escolar, por intermédio da professora Adeilda Maria, como podemos identificar na sua fala:

[...] eu fui falar com Zé Preá pra ele trazer merenda, porque não tinha merenda aqui, num tinha merenda em canto nenhum, sabe? [...] aí trouxe, aí num faltou mais. Era muita merenda, e eu era, veja bem aí que força de vontade, eu era merendeira, servente e professora [...] (ADEILDA MARIA DE LIMA SILVA, 2011).

De acordo com a depoente, sua escola foi uma das primeiras a usufruir da merenda escolar, a qual era preparada por ela, em sua residência. O serviço de limpeza da escola também era responsabilidade da professora.

Nesta década, também surgiram no município novos lugares de educar como a Escola Municipal Maria Claudiano, inaugurada em 1985, no sítio Malhada do Angico, construída para atender a demanda de crianças que, para estudar, precisavam se deslocar mais de quatro quilômetros.

Primeiramente, em 1984, o prefeito da época, Severino C. Sobrinho, ao ser indagado sobre a possibilidade de uma escola naquela região, concordou com a idéia de abrir uma sala de aula que, a princípio, funcionaria em uma residência, visto que a escola seria construída um ano depois. Diante disso, Ivoneide Ângelo, juntamente com outras candidatas, se submeteram a um teste seletivo, o qual aprovou Ivoneide Ângelo que, logo em seguida, iniciou suas aulas na casa do seu pai, apenas dispondo do diário de classe e sem nenhuma formação, unicamente com o primário completo.

Após ensinar um ano e meio na casa do seu pai, a professora Ivoneide Ângelo passa a lecionar em julho de 1985, na escola Municipal Maria Claudiano, recém construída. A escola não corresponde ao único lugar de educar, uma vez que a educação não acontece apenas dentro de um espaço escolar. No entanto, a escola com sua projeção física e simbólica cumpre uma função educativa fundamental, ou seja,

a ocupação do espaço escolar, sua divisão interna, suas aberturas para o espaço exterior, a delimitação de fronteiras entre o interno e externo e, mais que isso, a disposição e diferenciação dos sujeitos (alunos e professores, sobretudo) e dos objetos no espaço, na sala de aula, tudo isso cumpre um papel educativo da maior importância (VEIGA e FONSECA, 2008, p. 86).

A escola, portanto, é entendida como espaço de educar, instituição escolar, lugar próprio, distinto de outros lugares de educar como a casa, a igreja, a rua, os quais produzem e transmitem saberes, cultura e educação.

A educação no campo, nos anos 80, já se mostrava bastante desenvolvida, com reuniões pedagógicas, acompanhamento da direção às práticas pedagógicas desenvolvidas nas salas de aula, fornecimento de material didático, merenda escolar, número significativo de escolas edificadas, espalhadas por todo o município. Aspectos estes, identificados no depoimento da professora Ivoneide Ângelo (2012) com relação a reuniões, materiais didáticos e merenda escolar:

[...] eu comecei a ensinar no ano de 1984 [...] fazia mais ou menos uns quinze dias que eu estava em sala de aula [...] aí depois foi que houve uma reunião. Nós fomos, aí foi que veio, de livro, material para as crianças né! [...] tinha a merenda, interessante a questão da merenda porque quando eu comecei, [...] na casa de meu pai eu quem fazia a merenda, além de dá aula eu ainda preparava a merenda, porque na época não tinha a merendeira, a merendeira só apareceu a partir de, de julho de 85 que a escola foi construída [...]



O processo da merenda, inicialmente, quando passou a ser fornecida, nos anos 80, pela prefeitura às escolas municipais, ficava a professora responsável pelo seu preparo, bem como, realizar os serviços de limpeza na escola, além de ministrar suas aulas, diariamente. Esta realidade, identificada nos depoimentos, foi igual para todas as professoras do campo, nesse período.

Com relação às escolas da rede estadual, no final dessa década, passaram a ser assistidas pela quarta região de ensino. A partir desse momento, essas escolas passaram a realizar reuniões mensais com a coordenação pedagógica da quarta região de ensino (Cuité), iniciando os planejamentos que antes não existiam.

Já as reuniões nas escolas municipais, inicialmente, ocorriam de três em três meses e depois, devido às provas bimestrais dos/as alunos/as, passaram a ser realizadas de dois em dois meses, na presença do chefe do OME (Órgão Municipal de Educação). Segundo a professora Adeilda Maria acerca das reuniões:

[...] a reunião começou, [...] de três em três mês havia uma reunião com a secretária [...] era de três em três meses, de dois em dois meses, passou a ser de dois em dois meses por causa das provas bimestrais dos meninos, que antes é como eu lhe falei, era de seis em seis meses que agente fazia as provas (ADEILDA MARIA DE LIMA SILVA, 2011).

Nessas reuniões era decidido entre as educadoras e a coordenação pedagógica do Órgão Municipal de Educação, sobre questões internas e algumas orientações pedagógicas. Já as reuniões de planejamentos foram iniciadas no final dos anos 80 e início dos anos 90, e ocorriam de forma separada, isto é, as professoras da cidade se reuniam em dias diferentes das professoras da zona rural.

Também nessa época ocorreram visitas e supervisões nas escolas do município, pela Pedagoga Ana Cartaxo, na época coordenadora regional da mesorregião da Borborema. Episódios identificados em vários depoimentos dados, a exemplo do depoimento de Adeilda Maria (2011):

[...] eu tava ensinando e a, secretária nessa época era Terezinha Martins Dantas, a mulher de Zé Preá. Ai ela chegou trazendo Ana Cartaxo que era a secretária de toda a Paraíba, na época [...] quando ela chegou como de costume, eu, eu tava com o quadro, já tava quase cheio de frases [...] e eu achei que ela ia conversar com os menino, ai ela disse: Não, eu vim assistir você dá aula [...] (ADEILDA MARIA DE LIMA SILVA, 2011).

No início dos anos 90, visando melhorar a formação do quadro docente, a prefeitura passou a oferecer treinamentos periódicos durante as férias, ministrados por professores/as da universidade. Além disso, o Logos II que havia sido desativado em 1981, voltou a beneficiar a cidade sob orientação de Maria Patrocínio. Dado averiguado no depoimento de Ivoneide Ângelo:

[...] em 92, ai eu comecei a fazer o curso do Logos II, em 92, por motivos de gravidez, por motivo de condição que eu não tinha, a falta de transporte, ai eu parei o Logos II, não consegui terminar, ai quando foi em 96 ai eu voltei a cursar o Logos II, foi quando eu pude terminar, [...] (IVONEIDE ANGELO LUCINDO, 2012).

É válido salientar que foi nesta década de 90 que as professoras Adeilda Maria e Rita Maria se aposentaram. Já nos anos de 2000, a educação continuava se aperfeiçoando, uma vez que, o município ofereceu o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, na época, em parceria com a UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) para professores/as atuantes no magistério. Além disso, veio, também, o curso de especialização da FIP (Faculdades Integradas de Patos).

Esta contextualização, seguindo as narrativas das professoras abordadas, sobre a educação no município desde 1957 até os anos de 2000, nos possibilita refletir sobre todo o processo de mudança sofrida pela educação em quarenta anos de história de Cubati, no que se refere à organização, crescimento e qualidade educacional.

Por conseguinte, diante de toda discussão estabelecida, concluímos que essas professoras, através de suas memórias, nos proporcionaram mergulhar em um passado que só a elas pertencia, resgatando desse passado suas histórias de vida (re)construídas através de seus depoimentos subjetivos, tomados como material de análise nesse processo de investigação.

### 2.3 Histórias de professoras e suas memórias escolares

Neste item discutiremos sobre o cotidiano das professoras nas escolas, envolvendo sua relação com os alunos/gestão, bem como questões relativas às suas práticas, dificuldades, festividades escolares, e como neste contexto as professoras vivenciaram a experiência de ser docente nas relações entre épocas.

Algo que ficou bastante evidente nas narrativas das professoras foi a mudança com relação ao comportamento dos/as alunos/as ao longo dos anos, com exceção de Rita Maria

que relatou que no início de seu magistério no município, já teve dificuldades com algumas crianças, as demais professoras afirmaram que seus/suas alunos/as tornaram-se “trabalhosos/as” depois dos anos de 1990, como podemos identificar na fala da professora Adeilda Maria que relata uma situação de agressão em sua sala de aula:

[...] até mais ou menos 92 por ai, era, era muito bem, muito obediente, era nota dez meu alunos, mas no penúltimo ano que eu ensinei, eu peguei uns aluno que era trabalhoso. [...] quando foi um dia que eu solto eles pra hora do recreio [...] depois eles chegaram, ai disseram que ele tava chamando nome, palavrão com uma lá, [...] Quando eu, eu virei as costas assim, que fui pra o quadro, que fui escrevendo, eu ouvi uma pancada muito grande, ai quando eu me viro tava já um, outro menino de treze anos com uma cadeira, que ia matar esse dito menino com essa cadeira, disse: vou matá-lo, quando ele disse vou matá-lo eu já tinha virado, disse não, não, num faça isso não, ai ele disse, mas a senhora ouviu o tamanho da pancada, pois isso tudo foi uma havaiana, que ele bateu na cara dessa menina, ai tava a lista, ate as lista da havaiana tava no rosto da menina, ai eu fiquei pensando, meu Deus, eu nunca tinha visto aquilo numa sala de aula [...] (ADEILDA MARIA DE LIMA SILVA, 2011).

Segundo a professora, diante dessa e de outras situações de agressividades vivenciadas entre os/as alunos/as, a professora tomava algumas medidas como encaminhar a criança causadora da agressão para sua casa e, em seguida, iniciar uma aula de religião mostrando e conscientizando seus/suas alunos/as sobre o que é certo e o que é errado.

Em trinta anos de sala de aula, a professora Adeilda Maria assegura que até então nunca tinha presenciado esse comportamento hostil dos/as alunos/as. No entanto, todos/as a respeitavam e sentiam carinho pela mesma. Em outro caso, descrito pela professora em que uma garota ao ser advertida fez um bilhete e entregou à professora, isso demonstra o carinho conferido pela aluna à professora, nas palavras da professora o bilhete dizia “tia eu levo muita saudade de você, você foi a melhor professora que eu já tive, é uma pena que eu aproveitei tão pouco tempo.” (ADEILDA MARIA DE LIMA SILVA, 2011).

Outra das inúmeras situações de carinho expressa por seus/suas alunos/as foi quando a professora Adeilda Maria já aposentada recebe da professora que lhe substituiu na Escola José de Medeiros Dantas uma carta, a qual foi solicitada pela atual professora, nas palavras de Adeilda Maria:

[...] ela chegou aqui com uma carta, a cartinha na mão, disse, olhe ai que eu trouxe pra senhora, que eu mandei meus alunos fazer um trabalho da pessoa que mais amava, esse fez sobre a senhora, porque eu tinha certeza que era sobre a mãe e fez sobre a senhora [...] na carta diz assim: “Tia, você foi a

única pessoa que me deu carinho, você foi a única pessoa que me amou...”  
[...] (ADEILDA MARIA DE LIMA SILVA, 2011).

Mesmo com toda dificuldade enfrentada, nos anos finais de sua trajetória como professora, tendo que lidar com alunos turbulentos, considerado pela professora um desafio, a educadora sempre fez seu trabalho com amor, fato que identificamos em sua fala:

[...] tenho certeza que eu amei meus alunos e fui amada e gostei muito, eles foram como meus filhos e eu não tenho o que dizer de meus alunos, foram muitos, foram muito que passaram por minha mão, porque aqui, aqui nesse Abreu, olhe preste atenção as mães que hoje já são avós estudaram comigo [...] (ADEILDA MARIA DE LIMA SILVA, 2011).

Isto confirma o que diz Louro (2010, p. 450) sobre a mulher no espaço escolar: “[...] as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos”.

Esse sentido atribuído pelo autor nos remete a discussão sobre representação que segundo Chartier (apud CARDOSO, 2011, p. 295) a concebe como “um conjunto de significados que se enunciam nos discursos” de quem os produzem. Em outras palavras, as representações consistem em “matrizes geradoras de sentidos, condutas e práticas sociais. São como uma rede de aspectos que levam a significações, os quais proporcionam a integração dos sujeitos diante de algo que explique, expresse ou traduza o real” (ARAGÃO e KREUTZ 2010, p. 107). Neste sentido, Louro (2010, p. 464) ressalta que:

[...] todos os discursos foram e são igualmente representações; representações que não apenas espelharam essas mulheres, mas que efetivamente as produziram. Em outras palavras, as representações de professora tiveram um papel ativo na construção da professora, elas fabricaram professoras, elas deram significado e sentido ao que era e ao que é ser professora.

Nesta perspectiva, o ser professora constituiu-se em sujeito exemplar, mulher amorosa, generosa, acolhedora, entre outros adjetivos que ainda repercutem como representação da mulher professora, uma vez que estas se mostraram como pessoas de perfil heroico, capaz de dedicar sua vida em prol dos/as outros/as sem temer as dificuldades.

Outro cenário, que foi materializado pelas narrativas, diz respeito ao ensino empirista, perspectiva que concebe o/a aluno/a como sujeito “vazio” na origem de seu aprendizado, e o/a

educador/a como narrador/a incontestável, cuja função é transmitir os conteúdos para ao/as alunos/as considerados/as passivos/as e submissos/as memorizá-los. Fato esse que verificamos na fala da professora Ivoneide Ângelo:

[...] pelo fato do ensino ser tradicional, onde o professor era o centro de tudo né, naquela época, era alunos passivos que estavam ali só pra receber aquele conhecimento que o professor jogava pra ele né, que a obrigação deles era só escutar e o professor falar, porque realmente quando eu iniciei era desta forma. Hoje não, hoje eu to com meus alunos, alunos o que? Alunos ativos, alunos que questiona, alunos que ta indo em busca de aprender mais [...] (IVONEIDE ANGELO LUCINDO, 2012).

De acordo com a professora Ivoneide Ângelo, no início de seu magistério, nos anos 80, o ensino se dava com toda efervescência de forma tradicional, no entanto, com o surgimento de treinamentos e formação continuada, nas décadas posteriores, a perspectiva educacional foi mudando aos poucos tornando os alunos sujeitos escolares ativos, críticos e articuladores na construção da sua cidadania que, segundo Veiga e Fonseca (2008, p. 87) estes sujeitos escolares são componentes que “participam ativamente na construção da escola e da cultura escolar e de si mesmo como sujeitos sociais”.

A escuta e a análise das narrativas das professoras mostra que a relação entre elas e a direção de suas escolas, durante todo período que atuaram na docência se dava na obediência das professoras com relação à direção. Uma das professoras que confirma essa afirmativa é Ivoneide Ângelo que, quando indagada sobre a relação com a direção de sua escola, na época que iniciou como educadora, afirma que “era uma relação boa, [...] porque naquela época, dava a ordem e você cumpria” (IVONEIDE ÂNGELO LUCINDO, 2012).

Além das reuniões entre as educadoras da zona rural que ocorriam separadamente das reuniões das professoras da zona urbana, ocorriam, também, entre as décadas de 80 e 90, supervisões periódicas da diretora nas escolas, lembrando que nessa época todas as escolas do município eram administradas por apenas uma direção.

Importa salientar sobre as dificuldades sofridas pelas docentes, as quais ressaltaram vários aspectos de desafios, dentre eles, a falta de recursos até os anos 90, considerados pelas professoras algo normal pelo fato de a cidade ser jovem. Desafio este evidenciado em um trecho da fala de Adeilda Maria ao descrever como se encapava um livro até essa época:

Eu que conseguia papel de saco de cimento, o papel do saco de cimento eu tirava, ele vem assim uns três, mas às vezes eu colhia mais de um saco, de Vitamilho, dessas coisas assim, mas de cimento tinha muita capa, rasgava aquelas capas de cima jogava fora, a de dentro jogava fora e colhia a do

meio, ai fazia aquelas capas, passava sabe, passava ferro, deixava bem esticadinha, colocava a capa, fazia assim desenho de qualquer coisa que eles pedissem pra fazer [...] (ADEILDA MARIA DE LIMA SILVA, 2011).

A educadora Rita Maria dos Santos, também, fez alusão às dificuldades vivenciadas em sua escola, a qual possuía apenas uma sala de aula multisseriada dos anos iniciais:

Era difícil demais, o caderno era comprado, o lápis era comprado, as carteiras mesmo pra chegar no nosso grupo passou um mucado de tempo ainda pra chegar, porque era difícil, ai depois na continuação foi chegando muitos livros ai foi melhorando muito. De 1990 pra cá as coisas foram melhorando (RITA MARIA DOS SANTOS, 2012).

Verificamos, portanto, que nem todas as escolas proviam de todos os recursos pedagógicos, visto que, identificamos uma carência de materiais, na escola citada pela professora Rita Maria dos Santos, até os anos 90, e que ainda hoje, como ressalta Vidal e Faria Filho (2005, p. 69), esta situação faz parte da realidade brasileira, uma vez que “no Brasil, não há prédios escolares para a população infantil, nem distribuição de material escolar, como carteiras, a todo território nacional”.

Disciplinar as crianças com mau comportamento, no início dos anos 90, também, foi um desafio, como afirma a professora da rede estadual Rita Costa Fernandes (2011), “foi um desafio muito grande a gente controlar o pessoal. Eu era considerada professora muito braba. A gente disciplinava os meninos eles não faziam o que queriam não.”

Além desses, outro desafio narrado por uma das professoras foi a falta de uma formação, ao assumir uma sala de aula, em 1984, nas palavras da professora Ivoneide Ângelo Lucindo (2012):

O maior desafio que eu encontrei na minha vida docente foi enfrentar uma sala de aula sem ter uma formação. Esse foi o maior desafio que eu encontrei na minha vida docente, porque num é fácil você pegar uma turma pra ensinar se você não tem uma formação de nada, só como eu tinha uma quarta série.

Com relação às festividades, estas sempre tiveram seu espaço no calendário letivo das escolas. De acordo com todas as professoras investigadas, as festividades escolares eram realizadas no transcorrer do ano, sendo os principais dias lembrados: o dia das Mães, o dia dos Pais, o dia 7 de setembro e o dia das crianças.



De acordo com a docente Adeilda Maria, em sua sala de aula, também, era lembrado o dia 1º de Maio (dia do Trabalhador), dia 13 de Maio (libertação dos escravos) e dia do professor, sendo que os dias que correspondiam a feriados, as comemorações ocorriam um dia anterior. Além dessas datas festivas, identificamos as comemorações do carnaval, da páscoa, das festas juninas, e das festas de encerramento do ano letivo, atreladas à celebração do natal, presente na narrativa da professora que descreve, a seguir, as festividades realizadas em sua escola:

Na minha escola, as festas que sempre ocorria logo que eu iniciei a trabalhar era festa de pai, dias dos pais, dias das mães e das crianças, no decorrer do tempo foram aparecendo as festas juninas né? O carnaval, porque agente faz nossas comemorações nas escolas né? E natal, festas natalinas também são feitas... As festas na minha escola sempre e sempre foram organizadas por mim e pelos pais, assim eu nunca recebi uma ajuda por parte da secretaria, tudo que eu fiz na minha escola foi organizado por mim e pelos pais, pela comunidade o que precisasse, até porque a gente num faz uma festa tão grande né? Na minha escola sempre, sempre foi e continua assim (IVONEIDE ANGELO LUCINDO, 2012).

Diante do discurso da professora, verificamos que para a realização das festividades nas escolas, especificamente, da zona rural, não contava com apoio da prefeitura. A comunidade escolar era a responsável por organizar e manter as festas, sendo que a única festividade desenvolvida pelas escolas da zona urbana, que recebia auxílio da prefeitura, era a comemoração do dia 7 de setembro que, desde os primórdios da emancipação política, esteve presente na cidade.

Até então, muitos tempos foram narrados na reconstrução da História da Educação de Cubati, os percursos trilhados e um contingente de experiências vivenciadas no cotidiano

escolar constituem a trajetória de histórias de vida de educadoras do município, que tiveram a oportunidade de refazer seus próprios percursos, reavaliando suas práticas e sua própria vida profissional reestabelecendo novos significados às experiências passadas. Tal reflexão vem ao encontro do pensamento de Schmidt e Mahfoud (1993, p. 295) que ressaltam que:

[...] um indivíduo, ao testemunhar oralmente o seu passado, formula a própria narrativa como um processo de confrontação, adaptação e acomodação de vários elementos, tais como: “casos” pessoais ou antigos, opiniões próprias e alheias, distinções entre pontos de vista, descrições dos diferentes modos de vida em diferentes épocas, histórias tradicionais, referências a diferentes grupos; ou seja, elementos que se movem entre os eixos presente/passado e indivíduo/outros.

Diante disso, ao analisar uma série de narrativas docentes, percebemos a existência de contradições, ambiguidades, e omissões causadas não pelo desejo das professoras, mas como expressões que revelam os conflitos, as tensões e a pluralidade de perspectivas do grupo de inserção que elas se apropriaram para elaborar suas experiências.

As professoras, também, se deparavam com desafios dentro da sala de aula, destacamos a experiência da professora Rita Maria, que diante de uma dificuldade, reinventou sua didática, burlando esse problema para empreender sua prática pedagógica. Segundo essa professora, durante sua trajetória docente ensinou a um aluno que nunca se pronunciou de forma alguma dentro da sala de aula, no entanto, durante a recreação, esta criança era a que mais “gritava”. Tal situação dificultava a avaliação da professora para com o aluno, e a forma que ela encontrou de resolver esse caso, segundo seu depoimento:

Eu preparei um mucado de objetinho e coloquei encostado a cadeira dele, a carteira dele, coloquei meu relógio, coloquei meu anel, coloquei uma pedra, coloquei lápis, uns cinco a seis objetos né, ai fui escrevendo as palavras no quadro pra ele, pra quando eu fizer essa palavra ele pegar o objeto sabe! [...] Quando eu escrevia aquela palavra se fosse giz giz, se fosse lápis lápis, relógio relógio, ai ele pegava assim e olhava pra mim, ai eu dizia muito bem é ela mesmo, os meninos batiam palma que eles achavam bom, batia palma e eu fazia outra palavra e pegava levantava assim e eu: Muito bem é essa palavra mesmo e assim por diante [...] (RITA MARIA DOS SANTOS, 2012).

Outra situação que exigiu de uma das professoras uma forma astuciosa de reinventar seu cotidiano foi a forma como a professora Adeilda Maria de Lima Silva garantia, diariamente, com a ajuda de algumas alunas, a merenda escolar, visto que, como a escola não



tinha estrutura para o preparo da merenda, a professora se responsabilizava levando esse trabalho para sua casa que se dava da seguinte forma:

Nessa época eu já tava pela manhã, aí eu preparava essa merenda a noite, eu ajeitava tudinho, aí pela manhã, colocava no fogo bem cedinho, de cinco horas, pra quando fosse nove horas elas vim pegar aqui, aí eu ia embora num sabe, a merenda ficava em casa, elas vinha buscar [...] (ADEILDA MARIA DE LIMA SILVA, 2011).

No que se refere às experiências de práticas e estratégias vivenciadas no cotidiano das professoras, Certeau (Apud DURAN, 2007, p.119) nos chama atenção à invenção do cotidiano que se dá graças “a ‘artes de fazer’, ‘astúcias sutis’, ‘táticas de resistência’ que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um”. Para Certeau (Apud DURAN, 2007, p.118)

o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. [...] É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada.

Em outras palavras, o cotidiano consiste em questões do dia-a-dia, acontecimentos diários da vida e dos significados que as pessoas constroem nos seus hábitos. Pensar e pesquisar o cotidiano escolar com Michel de Certeau a partir dos estudos desenvolvidos por Duran (2007) incide articular práticas, criações e artes de fazer que ocorrem no espaço escolar realizadas pelas docentes e, para isso, faz-se necessário refletir sobre suas invenções, uma vez que, essas invenções representam as diferentes formas das educadoras se ajustarem às políticas que lhes são impostas.

Com relação às transformações ocorridas na educação do município, durante o período de análise, destacamos a docência com nível de formação melhor, disponibilidade de escolas, recursos e materiais pedagógicos e especialmente o tempo de escolaridade dos/as alunos/as que, segundo as professoras, no início de seus magistérios a população, mesmo dispondo do 2º Grau, atualmente ensino médio, na cidade, não se importava em continuar os estudos após a 4ª série (hoje 5º Ano). Como afirma a professora Adeilda Maria de Lima Silva ao ser indagada sobre qual a série (ano) que os/as alunos/as paravam de estudar:

Na 4ª série mesmo quando já tinha o 2º grau. Então depois disso principalmente os alunos do campo como eu gosto de chamar na zona rural,

os alunos do campo, os filhos dos agricultores, eles pronto, tava perto da 4ª série paravam por ai [...] (ADEILDA MARIA DE LIMA SILVA, 2011).

Verificamos que os/as principais alunos/as a interromper a escolaridade eram os/as filhos/as dos/as agricultores/as na zona rural, tendo em vista, que, durante muito tempo, para essas pessoas, a educação não significava muito e a falta de recursos influenciava bastante, como o transporte para condução diária até a cidade, já que era a zona urbana, a única a disponibilizar o ensino médio.

Todavia, com o passar dos anos, a valorização e a melhoria na educação brasileira, essa realidade local sofreu variações, visto que, os/as filhos/as cubatienses passaram a visar além da conclusão do 2º Grau a inserção no ensino superior.

Toda esta discussão, partindo das experiências e memórias docentes, numa perspectiva educacional, contribuiu não só para uma compreensão mais ampla pertencente a um tempo e espaço, no qual a educação brasileira se estabelece, bem como, nos foi importante para reconhecermos que somos frutos de um processo histórico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo que este trabalho corresponde a um procedimento fundamental para a compreensão acerca da História da Educação em Cubati, bem como uma forma de notabilizar a importância das histórias de vida de professoras e, nelas, suas práticas educativas vivenciadas no município, ressaltamos a sua importância para reflexões significativas voltadas à esfera educacional e de gênero, uma vez que é de expressiva relevância para a história da educação e da mulher brasileira, investigar sobre vida de professoras que exerceram a docência na cidade de Cubati, compondo mais de meio século a história da educação, através de suas ações educativas, direcionadas à formação de sujeitos sociais.

As informações obtidas para esse estudo contribuíram na percepção dos desafios enfrentados pelas docentes, durante sua vida escolar, em um dado contexto, em uma dada realidade, bem como, na reflexão sobre o processo de atuação escolar, considerado valioso para a reconstrução da História da Educação, através dessas experiências educacionais, sendo estas formadas e narradas por elementos representativos, que valorizam o pensamento, a postura, a cultura, e as atividades pedagógicas desenvolvidas ao longo de um processo histórico que contribuíram de maneira direta e indireta, na construção e transformação da História da Educação.

Nessa perspectiva, ao se remeter às narrativas de professoras de Cubati, é possível fazer uma leitura histórica de aspectos relativos à cidade articulado ao âmbito escolar, onde eram vivenciadas festividades, reuniões, planejamentos, didáticas, aulas, uso de materiais didáticos, festividades cívicas, entre outras vivências que contribuíram na forma de educar, historicamente, partindo da realidade em que a escola estava inserida. Com isso, há possibilidades de percebermos como as histórias de professoras fizeram e continuam fazendo parte do processo histórico da cidade, de maneira natural, resgatando através da História Oral, desde sua origem à atualidade dessa educação.

Desse modo, é possível observarmos que o empenho e a insistência por este estudo, além de fornecer uma contribuição educativa e histórica à cidade de Cubati, emergiram do nosso anseio como educadoras, em apreciar as histórias de vida de professoras com a finalidade de recontar a história da educação de nossa cidade através do entendimento de vozes silenciadas no tempo, mas que agora se torna História, pela sua real importância e significado para a História da Educação de Cubati.

Em suma, discussões como essa trazem possibilidades de aprendizagem remissivas à história de vida de professoras a partir do momento em que as memórias passam a ser um

caminho para reconstrução da própria história do sujeito, considerando-a um elo que faz renascer fatos significativos dentro de uma sociedade que se preocupe com a importância e o registro do passado como uma época colaborativa para compreensão e preservação de personalidades e/ou pessoas comuns como sujeitos históricos.

Portanto, esperamos que trabalhos como esse, possibilitem à História da Educação, através da História Oral que tem como base a memória, uma função historiadora de problematizar a incompletude em estudos como esse que ainda existe, por falta de discussões que libertem, de alguma forma, os pensamentos das pessoas, conscientizando-as que ao falar sobre algo no passado estão reconstruindo recortes históricos, trazendo à tona acordes enriquecedores para a História.

Por fim, esperamos que esta discussão sobre a História da Educação em Cubatí, aponte premissas básicas e norteadoras para outras mentes reflexivas buscarem, através de estudos e pesquisas, posteriores, indagações para saber como fomos, conhecer quem verdadeiramente somos e possivelmente projetar quem seremos.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, M.; KREUTZ, L. **Do ambiente doméstico às salas de aula: novos espaços, velhas representações.** In: Revista Conjectura, Caxias do Sul, v.15, n.3, p.106-120, set./dez. 2010.
- BARROS, J. D'A. **História e memória** – uma relação na confluência entre tempo e espaço. In: Revista Mouseion, v. 3, n. 5, p. 35-67, jan/jul. 2009.
- BERNARDO, A. M. C. **Gênero, História e Educação na Paraíba:** Memória de professores e escritoras do início do século XX. In: Congresso brasileiro de História da Educação, s/local, 2010.
- CARDOSO, M. E. **Por uma História Cultural da Educação:** Possibilidades de abordagens. In: Caderno de História da Educação, v. 10, n. 2, p. 287-302, jul./dez. 2011.
- CASTANHO, S. **Teoria da história e história da educação:** por uma história cultural não culturalista. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.
- DURAN, M. C. G. Maneiras de pensar o cotidiano com Micheu de Certeau. In: Revista Diálogo Educ, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007.
- GONÇALVES, A. L. **História e Gênero.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- LOPES, V. ; BRITO, A.C.S. **CUBATI SOB DUAS RODAS.** In: I Encontro de Pesquisa e Pós-graduação do Curso de História. UFCG, 2007.
- LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação.** Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2010.
- MARTINS, R. M. de S.; SANTOS, S. M. dos S. **A História Oral de Professoras Primárias (1930-1950).** In: Caderno de História da Educação, Minas Gerais, v.10, n.1, p. 207 – 217, jan/jun. 2011.
- MATOS, M. I. S. de. **Da invisibilidade ao gênero:** percursos e possibilidade nas Ciências Sociais contemporâneas. In: Revista Margem, São Paulo, n.15, p. 237-252, jun. 2002.
- POLLAK, M. **Memória e Identidade Social.** In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- ROCHA, J. R. A Emancipação e História política. In: **A Folha de Cubati,** Cubati-pb, julho/1995, ed. 3, p. 5.
- ROCHA, J. R. A primeira Feira. In: **A Folha de Cubati,** Cubati-pb, julho/1995, ed. 3, p. 4.
- ROCHA, J. R. O Cruzeiro Abre Parque Aquático. In: **A Folha de Cubati,** Cubati-pb, outubro/1995, ed. 5, p. 7.

ROCHA, J. R. O início do povoado. In: **A Folha de Cubati**, Cubati-pb, , julho/1995, ed. 3, edição especial p. 4.

SCOTT, J. **Gênero**: Uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e Realidade, v.20, n.2, p. 71-99, 1995.

SOUTO, F. A. de (et al) **Cubati sua História e sua Gente**. Mimeografado. S/data

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. **Halbwachs**: memória coletiva e Experiências. In: Revista Psicologia USP, São Paulo, v. 4, n. (1/2), p. 285-298, 1993)

SOUZA, W. E. R. de; CRIPPA, G. **Limites e Contribuições da História Oral**: A memória e a História nas interseções entre o individual e o coletivo. In: Revista de História, João Pessoa, v.23, p. 75-88, jul./dez. 2010.

VEIGA, C. G. FONSECA, Thais Nivia de Lima. **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Mapa de Cubati. Disponível em: < <http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl>>. Acesso em 20 de out. de 2012.

Conceito de mnemónica - O que é, Definição e Significado. Disponível em: <<http://conceito.de/mnemonica#ixzz2CHMF6Yiu>>. Acesso em 15 de nov. de 2012.

Fontes das Imagens:

Acervo Pessoal de Aline Fernanda;  
 Acervo Pessoal de Ayla Cordeiro;  
 Acervo Pessoal de José de Medeiros Dantas;  
 Acervo Pessoal de Rosicléide Cassimiro de Lima;  
 Acervo Pessoal de Silvano Fidélis;  
 Acervo Pessoal de Valquíria Lopes.

# Apêndice

## ROTEIRO DA ENTREVISTA

NOME:

Profissão:

Escolaridade:

Etnia: ( ) Branco ( ) Negra ( ) Indígena ( ) Outras; Qual? \_\_\_\_\_

Quanto tempo você ensinou?

Quais as escolas onde você ensinou?

1. Como e quando você iniciou seu trabalho como professora?
2. Fale sobre o seu primeiro dia de aula e como era sua vida na escola?
3. Como era a cidade de Cubati na época?
4. Como a educação era pensada no município no momento em que você estava atuando como docente?
5. Fale sobre as festividades que ocorriam na sua escola quando você estava atuando. Que tipo de festas eram comemoradas? Como eram organizadas?
6. Comente sobre seus alunos como eles eram? A maioria era da zona rural ou da zona urbana?
7. Com que tipo de material você trabalhava? Quais livros eram trabalhados? Quem os fornecia?
8. Você possuía diário de classe? Como você registrava as atividades que você realizava?
9. Na época, como eram as reuniões das professoras? Havia reuniões? Quem as organizava?
10. Como era a relação com a direção/gestão?
11. Comente como era a educação rural e urbana no município, a partir do que você vivenciou na cidade como professora e do contato que teve com professoras que atuaram nestes dois lugares.
12. Qual o maior desafio que você encontrou na sua vida docente?
13. Em sua opinião. Qual a importância da história de vida de professora para a história da educação do município?



# Anexo

**LISTA DAS ENTREVISTADAS**

1. Adeilda Maria de Lima Silva – 68 anos;
2. Ivoneide Ângelo Lucindo – 50 anos;
3. Maria Patrocínio Medeiros de França – 75 anos;
4. Rita Costa Fernandes – 67 anos;
5. Rita Maria dos Santos – 68 anos.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, ADEILDA MARIA DE LIMA SILVA em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa NAS MEMÓRIAS DE PROFESSORAS: REDES DE SABERES QUE REPRESENTAM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM CUBATI que terá como objetivo: Problematizar sobre a história de vida e memória de professoras de Cubati ressaltando a partir de suas histórias a história da educação no município. Declaro ser esclarecido/a e estar de acordo com os seguintes pontos:

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).

- O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar o (a) pesquisador (a) no número (083) 88904690; Rua 06 de julho N: 106; Bairro Centro; Cubati – PB.

- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com o (a) pesquisador (a). Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Cubati, 14/12/2011.

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Aline Fernanda Santo Costa Silva

Assinatura do (a) participante

Adeilda Maria de Lima Silva

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Ivoneide Angelo Lucindo em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa NAS MEMÓRIAS DE PROFESSORAS: REDES DE SABERES QUE REPRESENTAM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM CUBATI que terá como objetivo: Problematizar sobre a história de vida e memória de professoras de Cubati ressaltando a partir de suas histórias a história da educação no município. Declaro ser esclarecido/a e estar de acordo com os seguintes pontos:

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).
- O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).
- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar o (a) pesquisador (a) no número (083) 88904690; Rua 06 de julho N: 106; Bairro Centro; Cubati – PB.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com o (a) pesquisador (a). Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Cubati, 29 / 02 / 2012.

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Alim Fernanda Santo Costa Silva

Assinatura do (a) participante

Ivoneide Angelo Lucindo.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Maria Patrocínio Medeiros de França em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa NAS MEMÓRIAS DE PROFESSORAS: REDES DE SABERES QUE REPRESENTAM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM CUBATI que terá como objetivo: Problematizar sobre a história de vida e memória de professoras de Cubati ressaltando a partir de suas histórias a história da educação no município. Declaro ser esclarecido/a e estar de acordo com os seguintes pontos:

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).
- O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).
- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar o (a) pesquisador (a) no número (083) 88904690; Rua 06 de julho N: 106; Bairro Centro; Cubati – PB.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com o (a) pesquisador (a). Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Cubati, 01 / 03 / 2012.

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Aline Fernanda Souto Costa Silva

Assinatura do (a) participante

Maria Patrocínio Medeiros de França

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, RITA COSTA FERNANDES em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa NAS MEMÓRIAS DE PROFESSORAS: REDES DE SABERES QUE REPRESENTAM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM CUBATI que terá como objetivo: Problematizar sobre a história de vida e memória de professoras de Cubati ressaltando a partir de suas histórias a história da educação no município. Declaro ser esclarecido/a e estar de acordo com os seguintes pontos:

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).
- O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).
- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar o (a) pesquisador (a) no número (083) 88904690; Rua 06 de julho N: 106; Bairro Centro; Cubati – PB.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com o (a) pesquisador (a). Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Cubati, 14 / 12 / 2011.

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Aline Fernanda Souto Costa Silva

Assinatura do (a) participante

Rita Costa Fernandes

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Rita Maria dos Santos em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa NAS MEMÓRIAS DE PROFESSORAS: REDES DE SABERES QUE REPRESENTAM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM CUBATI que terá como objetivo: Problematizar sobre a história de vida e memória de professoras de Cubati ressaltando a partir de suas histórias a história da educação no município. Declaro ser esclarecido/a e estar de acordo com os seguintes pontos:

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).
- O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).
- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar o (a) pesquisador (a) no número (083) 88904690; Rua 06 de julho N: 106; Bairro Centro; Cubati – PB.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com o (a) pesquisador (a). Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Cubati, 28 / 02 / 2012.

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Alini Fernanda Sabo Costa Silva

Assinatura do (a) participante

Rita Maria dos Santos